Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL

DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

ANNO I — Bello Horizonte, 16 de Agosto de 1925 — N.º 6

SUMMARIO

PEDAGOGIA — Ensino do vernaculo. — Livros didacticos. — Pelas escolas. — Methodos de leitura. — Os methodos de attracção e a hygiene: applicada. — O escopo da pedagogia moderna. — Com relação ao leite. — Lições intuitivas. — Lições praticas (continuação). — Como se faz um test de linguagem. — Lições de Lingua Patria. — Programma de ensino em S. Paulo.— O que as creanças preferem ler. — Test de intelligencia. — Excursões escolares. — PARTE RECREATIVA — Jogos menores. — Hymno escolar. — SECÇÃO OFFICIAL — Avisos. — Relação de professores elogiados.

PEDAGOGIA

ENSINO DO VERNACULO

(Conclusão)

CONHECIMENTO INDIVIDUAL DOS ALUMNOS.—Por menos numerosa que seja uma classe, logo apparecem nella creanças de capacidade mental differente. Disso resulta grande difficuldade para o professor, o qual não poderá fazer a classe caminhar com aproveitamento uniforme.

Assim, precisa elle, não sómente de conhecer a qualidade intellectual de seus discipulos, mas tambem de ajudal-os, segundo a medida de suas faculdades, sem pretender exigir de intelligencias desiguaes identicos resultados. Não deve o alumno brilhante ser contido em seus progressos para não distanciar-se dos mais tardos; nem convem se arraste o atrazado para além do que lhe permittem suas aptidões naturaes.

O professor se esforçará para apropriar-se dos embaraços que cada alumno experimenta em leitura, emprego certo das fórmas grammaticaes, redacção, orthographia, etc., para dar-lhe exercicios que lhe sanem as falhas particulares.

A propria extensão das tarefas deveria variar, havendo um minimo exigivel para todos, e partes supplementares para os grupos mais aptos.

A missão do professor é auxiliar a seus alumnos um por um, e elle só poderá realizar essa obra sympathica, humana, ennobrecedora da profissão, penetrando-lhes a psychologia e amoldando a esta o ensino. Uma composição curta ou reproducção de um paragrapho ou trecho lido indicarão ao mestre, desde a primeira aula, o grau de intelligencia de cada alumno.

MOTIVAÇÃO.—Ajustar o ensino ás necessidades da criança é um dos principios psychologicos primordiaes que a educação procura transplantar da theoria para a pratica. Despeando-se da rotina, não deve o ensino seguir inflexivelmente nem a ordem do texto, nem a do programma, mas a ordem suggerida pelos interesses e exigencias do menino. E' impossive obter a plena actividade do alumno, sua inteira consagração ás tarefas, se estas representam sómente uma imposição autocratica do professor. Ao contrario, entregar-se-á de bom grado a ellas, e por mais tempo que o marcado pelo horario, se representam meios de satisfazer-lhe os desejos de informar-se, executar, expôr, divertir-se. Se, por exemplo, a imprensa attrahe a attenção sobre a producção nacional do café, da borracha, do ferro, sobre o desenvolvimento de uma industria, sobre uma situação politica, eis o momento opportuno para saciar a curiosidade dos escolares, mostrando-lhes, ou melhor, levando-os a recolher por si mesmos, os conhecimentos que desejam. Um successo local, uma chuva, um desmoronamento, uma cheia, uma boa ou má colheita, uma nova estrada, factos, emfim, que tenham provocado os commentarios dos meninos, devem aproveitar-se immediatamente como themas de fecundas lições.

Em todos esses casos, o ensino é MOTIVADO.

A motivação não offerece obices insuperaveis, comquanto haja alguns pontos mais difficeis que outros.

O mais delicado é o referente ao emprego do syllabario. E' mistér preparar umas tantas lições preliminares que suscitem nas crianças o desejo vehemente de aprenderem a ler. Demais, são indispensaveis quadros muraes com a legenda em baixo das gravuras e livros profusamente illustrados que dispertem a admiração dos alumnos.

Tornar-se-á motivada a leitura de excerptos e de obras litterarias da bibliotheca, ligando-a com o ensino de outras materias ou com circumstancias presentes, ou fazendo um dos alumnos preparar alguns trechos para lel-os a seus collegas do mesmo ou de outro curso.

Motiva-se a composição oral ou escripta, si os escolares têm alguma cousa que communicar e contum com um auditorio ao qual possam transmittil-a. As cartas enviando-as deveras a uma pessoa.

Da observação dos erros grammaticaes na linguagem oral e escripta decorre, logicamente, o tratar-se dos pontos grammaticaes relativos a taes erros para a respectiva correcção.

Motivam-se os simples exercicios linguisticos destinados a firmar a leitura corrente e expressiva, a orthographia, a correcção grammatical, a redacção, o augmento do vocabulario, convencendo-se a criança de que esses trabalhos tendem a dar-lhe maior perfeição no uso effectivo do idioma.

Ha varios meios de se motivarem os exercicios de portuguez: a exposição frequente de trabalhos em quadros apropriados, funccionamento de diversas sociedades—de leitura, de debates, etc.—a dramatização, certames de recitação, leituras, poesias originaes, etc.

Amiude, o interesse surge espontaneamente nos meninos; mas, em outros casos, é accordado pelo professor, e é nisso que exhibe a melhor prova do seu tacto, habilidade e perfeição technica do ensino.

Quer o interesse appareça de uma, quer da outra fórma "o trabalho escolar estará motivado, sempre que sua applicação real fique á vista do menino; sempre que satisfaça a uma necessidade que elle sente; sempre que lhe proporcione algo valioso que lhe falta, que o dote com alguma capacidade a cuja posse aspira, que lhe assegure um fim desejado ou o ajude a tocar um alvo definido (1)".

Desde o momento em que o menino é impellido a grangear conhecimentos gratos á sua curiosidade intellectual ou indispensaveis para resolver alguma questão; ou em que procura entregar-se a actividades physicas e artisticas a elle deleitaveis ou proveitosas, está prompto para desenvolver o esforço pessoal numa obra que já não tem o caracter da lição antiga, imposta pela determinação exclusiva do mestre: é seu trabalho proprio. E' seu plano proprio. A escola que souber transformar o ensino corrente em planos insinuados pelas crianças e acceitos com prazer por ellas, terá o maximo valor psycologico e social, será, por excellencia, a escola educadora.

SOCIALIZAÇÃO DA CLASSE — Para que a pratica da cooperação e solidariedade abra caminho no mundo, com menos lentidão e tropeços, é absolutamente necessario saturar-se a escola do espirito social. Não lhe é bastante ensinar algumas disciplinas: deve, antes de tudo, ensinar *o menino a trabalhar com outros e para outros.*

Esta actividade social ou SOCIALIZAÇÃO DA CLASSE póde conseguir-se, na aula de lingua patria, das maneiras seguintes:

1.° De vez em quando, confia-se a um alumno a direcção da classe, como si fôra elle o presidente de uma sociedade.

2.° Promovem-se discussões na classe, e o professor, ao mesmo tempo que as anima, dellas participa como um dos interessados.

3.° Organizam-se sociedades de narrações, de leitura, de escriptores, de recitações, de representações dramaticas, etc.

4.° Constituem-se grupos de alumnos para fazerem illustrações e construcções de trabalhos manuaes relacionadas com trechos de leitura.

5.° Formam-se grupos de alumnos para corrigirem composições, como já ficou indicado, ou para ajudarem na leitura, e na composição, aos mais atrazados.

6.° Prescreve-se a preparação individual ou grupal de tarefas destinadas a ministrar á classe, conhecimentos relativos ás materias nella estudadas: noticias biographicas, consulta de diccionarios, estudo de um assumpto proposto, etc.

7.° Um curso institue uma secção especial em honra de outro.

8.° A classe collabora numa festa local.

9.° Troca-se correspondencia com os alumnos de outras escolas.

10.° Os alumnos se esforçam por obter para seu curso ou sua escola dados uteis, publicação de artigos interessantes, novos livros para a bibliotheca.

COOPERAÇÃO DAS OUTRAS DISCIPLINAS—E' erroneo suppor que bastam as aulas de portuguez para alcançar-se algum proveito no uso efficaz da lingua materna. E' de todo o ponto indispensavel a cooperação das outras aulas na correção dos erros de fórma, e, principalmente, na pratica de discussões, de exposições continuas de assumptos, de composições escriptas.

Embora se occupem as classes de portuguez, mediante trabalhos e exercicios adequados, de alguns pontos grammaticaes e litterarios, são as outras disciplinas—historia, geographia, sciencias, instrucção moral e civica—as que mais contribuem para se formarem bons habitos de linguagem; porque proporcionam a materia prima da expressão, os pensamentos que devem transmittir-se; porque excitam affectos favoraveis á tendencia communicativa; porque, em conjuncto, tomam mais no horario que o portuguez, offerecendo, por isso, mais opportunidades para o emprego do idioma.

Vele-se, portanto, nas outras aulas, pela pratica da lingua, e annotem-se, na de portuguez os erros, de linguagem commettidos naquellas, afim de se fazerem exercicios tendentes a emendal-os.

MATERIAL DE ENSINO—Além da bibliotheca e dos quadros já mencionados, requer-se o material seguinte:

1) A mesa de areia, especie de taboleiro montado sobre pés de 0,m60 de alto. A caixa, que conterá areia, deve medir 0,m60 de profundidade, 0,m70 de largura e 1,m50 de comprimento.

Serve este movel para que os alumnos façam construcções: collinas, caminhos, ruas, etc.

E' util principalmente para o primeiro e o segundo anno.

(1) The World Book, pag. 5724. W. F. Quarrie and Co., Chicago 1922.

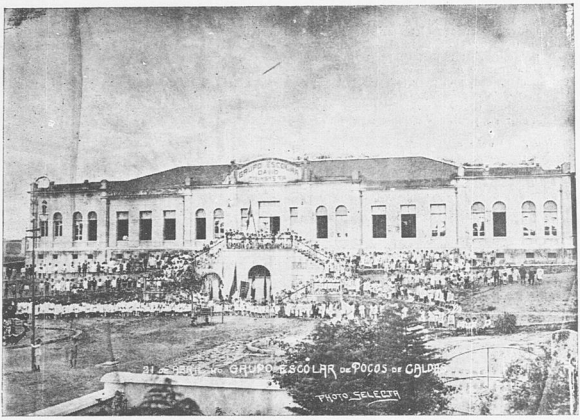
2) Duas caixas de typos moveis de borracha, grandes uns, pequenos outros. Servem para a impressão de abecedarios de lettras soltas em cartõesinhos, de cartões com palavras, de fitas de papel com phrases, de curtos trechos de leitura.

3) Papel resistente para as impressões supra citadas.

4) Um polygrapho para se copiarem poesias ou pensamentos que se queiram distribuir aos meninos.

5) Giz de côr para illustrações na pedra.

(El monitor de la Educación Comúm, de 31-1-1925).



Grupo Escolar «David Campista», de Poços de Caldas

LIVROS DIDACTICOS

Foram-me dictadas estas linhas por um criterioso *suelto* d' «O Paiz», publicado ha dias, no qual se reclama contra o processo summario de adopção de livros didacticos, nos estabelecimentos de ensino, sem que sejam sujeitos a um prévio *contrôle* que demonstre disporem taes compendios dos multiplos requisitos exigiveis em obras de tal natureza.

Torna-se necessario, realmente, que se resista vigorosamente á onda invasora dos escriptores que se arvoram em didactas, uns apenas animados de louvavel boa vontade, mas sem os predicados que justifiquem aquelle titulo, outros induzidos a taes publicações unicamente pela ambição de rendosos proventos.

O mercado de livros vê-se cada dia mais abastecido de trabalhos destinados á mocidade escolar; muito ha, porém, que respingar nessa abundante litteratura tendente a alicerçar o caracter e a mentalidade das successivas gerações de moços.

Competencia e auctoridade em assumptos pedagogicos não se inventam e nem se improvisam.

Para ser autor de obras didacticas uteis, revestidas do caracter que lhes deve ser peculiar, torna-se indispensavel possuir, com todos os seus segredos, a sciencia da educação—dispôr de conhecimentos profusos sobre o assumpto a tratar; estar ao corrente de todos os methodos e processos applicaveis á difficil tarefa de ensinar; possuir senso moral e critico em grau elevado; lidar habilmente com os preceitos e ensinamento da psychologia da creança e do adolescente; conhecer o ambiente escolar, e identificar-se com elle; saber baixar ao nivel da mentalidade do alumno e ter sempre em vista a finalidade do estudo de cada disciplina, visando especialmente a sua utilidade pratica.

Ha, demais, a ponderar, que um compendio didactico deve conter doutrina sã e substancial, verse expungido de estreito sectarismo e destituido da ostentação de eruditos cabedaes de que não carece o alumno.

Peccam muitos autores pela falta de equilibrio entre a maior ou menor relevancia da materia a desenvolver, em cada capitulo, e a extensão da la ao assumpto respectivo; a esses fallece o senso da medida.

Não se deve abalançar ás lettras didacticas quem não lidar com o vernaculo com inteiro desembaraço, correcção e facilidade; nellas se requerem estylo adequado á natureza e gráu do ensino; phrase elegante e despretenciosa, sem preciosismos nem crassa vulgaridade, precisão e riqueza do vocabulario, linguagem escorreita, plastica modalidade da expressão, perfeita clareza, probidade, e inteiro rigor grammatical.

Muitos dos livros em questão representam mal alinhavados trabalhos de compilação desordenada, repletos de desnecessarias citações, destituidos de interesse, e sem o mais leve traço de cunho individual.

São muito conhecidas, por verdadeiramente nocivas ao ensino, as celebres publicações subordinadas ao titulo de *pontos*, que trazem, sempre, a recommendal-os, a declaração de que foram resumidos e organizados de accordo com os programmas officiaes.

Mas o que vem acima observado, diz, apenas, respeito aos requisitos que devem ser caracteristicas da cultura technica do autor.

Ha ainda a considerar, na execução material de tres producções, um conjuncto de exigencias, no triplice ponto de vista esthetico, pedagogico e hygienico.

A primeira impressão de quem lançar as vistas sobre um livro didactico não póde deixar de ser a de um perfeito e agradavel acabamento.

A sua acceitação deve depender, em grande parte, do escrupulo rigoroso havido na escolha do material empregado e na observancia dos preceitos hygienicos vulgarizados nos mais rudimentares dictames da pedagogia.

Ha que levar em muita conta o formato, a encadernação, a impressão, a qualidade do papel, os caracteres e a tinta de impressão, o espaço entre as linhas do texto, as gravuras e illustrações, a feição artistica, a paginação e até o preço de acquisição.

Entretanto, é commum verem-se adoptados livros completamente falhos sob taes aspectos—brochuras volumosas, de formato exiguo, encadernação pouco resistente, caracteres de infimas dimensões e apertados entre espaços estreitos, impressão pouco nitida em papel ordinario, tinta desmaiada e pouco fixa, detestaveis desenhos, paginação mal disposta, revisão descuidada e extensas erratas.

Um compendio didactico requer, pois, a mais meticulosa censura, para que possa, com vantagem, e sem prejuizo para o alumno, preencher cabalmente os fins a que se propõe.

Mu ta publicação no genero, apreciavel, pela observancia dos melhores methodos e processos, e quanto á explanação da materia, se vê deveras compromettida pela ausencia de technica na sua execução material.

Atravessamos, por felicidade nossa, uma época na qual o mais vivo interesse converge para o assumpto magno da disseminação e aperfeiçoamento da cultura nacional, nos seus diversos graus.

Essa questão, de approvação e adopção de livros para os escolares, não tem sido, entretanto, até hoje, encarada com a solicitude que fôra para desejar, dado o consideravel alcance de que se revestem as suas consequencias, reflectidas directamente na efficiencia do ensino.

Faz-se mister uma selecção a rigor, criteriosa e intelligente, para se conseguir pôr um paradeiro á intromissão dos intrusos e incompetentes, em seára que é dominio exclusivo dos verdadeiros profissionaes.

Tanto o Departamento Nacional do Ensino como os governos dos Estados, estão no dever de organizar essa selecção, recorrendo, para isso, a commissões de legitimos especialistas, na altura da delicada funcção, e capazes de decisões inflexiveis, alheias a quaesquer outras influencias que não sejam as do interesse da instrucção.

Ao par dessa rigorosa selecção, medidas de estimulos que animem os autores de merito real a produzir, premiando-lhes os trabalhos de incontestavel valor, facilitando-lhes os meios de publicarem as suas obras, libertando-os, assim, do jugo dos editores, que se vão enriquecendo escandalosamente á custa das vigilias e do talento dos intellectuaes, sujeitos á penosa contingencia de se satisfazerem com as miseraveis migalhas com que são estipendiados, em troca da alienação incondicional dos seus direitos autoraes.

Adoptadas taes medidas, poderemos, então, contar com uma litteratura didactica na altura da educação moderna, nos seus grandes surtos para os novos ideaes de uma geração atormentada por duras vicissitudes, resultantes dos erros accumulados desde o mais remoto passado.

O mestre e o livro são dois elementos que se integram na obra da crystallização do caracter e da formação da mentalidade dos povos.

Um e outro devem possuir os altos predicados necessarios ao desempenho de funcção de tamanha responsabilidade social.

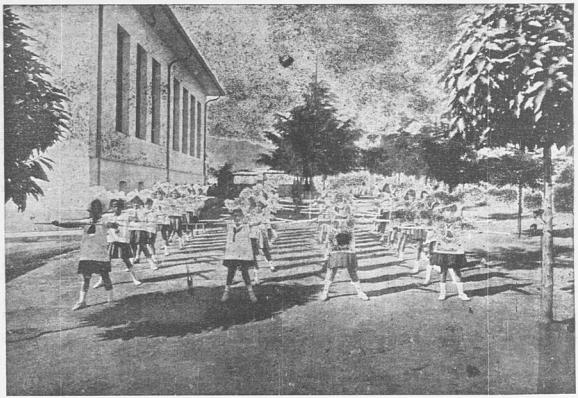
José Rangel
Da Academia Mineira

PELAS ESCOLAS

A myopia escolar e a illuminação das aulas

A publicação abaixo é um excerpto do artigo que, sob a enterraphe supra, vem publicado na revista «Brotéria», de setembro de 1917.

Para obviar ao extraordinario desenvolvimento da miopia nas escolas é preciso, pois, antes de



Grupo Escolar «Barão de Macahubas — Alumnos em gymnastica

mais nada, que as condições de luz sejam o que devem ser.

A primeira condição para obter uma illuminação natural satisfatoria é que a luz incida directamente sobre as mesas das aulas. Para isso requer-se que a distancia minima entre as aulas e o edificio vizinho seja pelo menos igual é altura desse edificio; doutro modo a luz seria cortada por elle. Além disso, é necessario que as janelas sejam sufficientemente amplas para que o angulo (*) que mede o espaço verdadeiramente luminoso tenha ao menos uma abertura minima de 5.°, quando o da incidencia dos raios luminosos não for inferior a 25.°

Para medir este angulo espacial luminoso, inventaram-se instrumentos como o *Raumwinkelmesser* de Weber. Uma fórmula, porem, muito mais simples, que dá os mesmos resultados e que foi adoptada em França, é a de Javal. «Um dos olhos applicado ao nivel da mesa, no sitio menos favorecido, deve ver directamente o céo em uma extensão vertical de ao menos 0,m30, contados a partir da borda superior das janellas.

Determinada assim a incidencia da luz, e sabendo-se, como diz True, que «em principio nunca esta é demasiada na escola», resta examinar outro ponto não menos importante, a saber, a situação que deve occupar com relação ao estudante o foco luminoso.

Absolutamente falando, a illuminação pode ser anterior, posterior, lateral direita e lateral esquerda. As tres primeiras offerecem todas, qual mais, qual menos, sérios inconvenientes quer por projectarem sobre o papel as sombras do corpo e especialmente da mão durante a escripta, quer, se a luz vem de frente e é um pouco intensa, por impossibilitar os alumnos de olharem para o professor e para o quadro preto, e por mante-los como offuscados,

O que parece reunir a maioria dos suffragios é a illuminação unilateral esquerda. Isso não quer dizer, sobretudo quando as aulas são muito largas, que se não possa combinar com outra, que é geralmente a lateral direita. Contudo em taes casos é preciso evitar, quanto possivel, os contrastes de luz e sombra que tambem podem ser considerados como verdadeira causa de miopia. Se, porem, apesar de todos os esforços, semelhantes contrastes subsistissem, e sem o foco lateral direito a illuminação da sala ficasse insufficiente, seria preferivel optar então pela illuminação bilateral, pois os males que consigo traz a insuficiencia de luz são incomparavelmente maiores que os causados por taes contrastes.

Outra illuminação que tem encontrado partidarios enthusiastas é a lateral esquerda, combinada com a posterior. Esta combinação já foi adoptada nas escolas-modelo de Upsal e de Lausane. Destas diz Combe: «Nessas escolas podemos verificar a

grande utilidade das janellas situadas atrás dos alumnos,quando ellas são altas e bem rasgadas. A aula é toda innundada de luz e a tal ponto, que a sombra projectada pellas janelas posteriores desapparece por completo. O unico inconveniente deste systema é o incommodo que afinal é desprezivel, pois este raramente permanece no seu «pulpito».

O que fica dito sobre a situação do foco luminoso na illuminação natural ou diurna, pode applicar-se á artificial. Nesta deve, pois, prevalecer a lateral esquerda, que se obtem facilmente por meio de reflectores que projectem a luz em uma direcção determinada.

Nos ultimos annos, a chamada *illuminação indirecta* ou *luz diffusa* tem reunido grande numero de adéptos e já foi installada, ao que parece com excellentes resultados. em varios estabelecimentos de ensino, como o lyceu de Aix, o lyceu Montaigne em Paris, e a escola de Saint-Cyr. Empregam-se ordidinariamente para esta illuminação lampadas eletricas, cujo foco luminoso fica coberto completamente a qualquer sitio da aula por meio de um reflector com a concavidade voltada para o tecto. Este que deve ser de um branco claro reflecte e diffunde a luz por toda a sala.

Mas, seja qual for a situação do foco luminoso, deverá este ter sempre uma intensidade sufficiente. A maior parte dos auctores requerem um minimo de 10 velas approximadamente para cada alumno, chegando mesmo Erismann a pretender 10 a 15 para as aulas ordinarias e 20 a 30 para as de desenho.

Alli ficam esboçadas em breves traços as condições hygiénicas a que deve obedecer a illuminação dos estabelecimentos educativos, si se quer oppôr uma barreira ao enorme desenvolvimento da myopia que tanta victima tem feito entre o elemento escolar. Si dellas se tivesse alguma conta, veriamos dentro em breve diminuir sensivelmente os casos desta doença e presenciariamos resultados como em Lund na Suécia em que a percentagem dos myopes no curso de phylosophia desceu de 42°/,, no curto prazo de 27 annos. E' preciso, porem, confessar que não foi o melhoramento das condições de luz o unico factor desta baixa. Para ella contribuiram tambem outros elementos, como a pratica do desporto, a gymnastica ao ar livre e muito especialmente os frequentes exames da vista a que se submettiam os alumnos.

Semelhante exame não exige necessariamente a presença do especialista que se tornaria muito dispendiosa. Basta para isso trabalho intelligente dos professores que poderão por si mesmos verificar a normalidade ou anormalidade da vista dos seus alumnos. Com esse fim inventaram-se táboas como as de Snellen, Monnoyer, Leprince e a de Badaloni.

GRUPO ESCOLAR DE CURVELLO

Para o exame, colloca-se a táboa a uma altura correspondente á estatura do alumno na parede mais illuminada da aula ou de outra sala qualquer, do lado opposto á janella. Os alumnos, pondo-se successivamente diante da táboa a uma distancia de cinco metros, devem ler com cada um dos olhos em separado qualquer lettra e dizer para que lado está a abertura do quadrado. Si a resposta é satisfactoria, a vista considera-se normal; no contrario, tem de se submeter o aluno á visita de um medico especialista.

C D F Z D E
P R G E L Z
T G L O P R

Taboa optométrica de Badaloni, para determinar a acuidade visiva nas escolas.

Este methodo, sem ser gravoso para o balanço do colegio ou escola, é um dos grandes meios de obstar ao desenvolvimento da myopia.

Oxalá o movimento em favor da vista que em nações como a França, Alemanha, Inglaterra, Suissa, Italia, Suecia, etc., tão bons resultados tem produzido, se estenda e propague tambem entre nós!

Da «Revista Escolar» de S. Paulo.

(*) Este angulo, *angulo espacial*, mediu-o Cohn tomando por vertice a mesa do alumno, e para lados duas linhas passando uma pela borda superior da janella e outra pela base. Tal angulo não representa o verdadeiro espaço luminoso, pois o lado inferior pode ir de encontro a um edificio vizinho.

Preferimos, por isso, o angulo de Fórster que tem o vértice na mesa do alumno, um dos lados a passar pelo bordo superior da janella e o outro pela parte superior do edificio vizinho.

METHODOS DE LEITURA

(Pedagogia experimental)

A despeito das apparencias, escreve Simon, só existem realmente dois methodos de leitura, a saber :

O methodo synthetico, que vae da letra á syllaba e á palavra, que procura estabelecer a relação entre os signaes graphicos de um lado, e os sons e as articulações, de outro, pela repetição e pela escolha judiciosa de palavras retiradas do vocabulario infantil.

O methodo global ou analytico, que segue marcha inversa : parte da linguagem escripta, tal como se apresenta; ensina á creança palavras inteiras, as quaes são, depois, analysadas, fragmentadas, e pela combinação destes fragmentos, se formam novos vocabulos.

A historia destes dois methodos é tão velha quanto a pedagogia. Qual é mais vantajoso ? Ambos ensinam o menino a ler; a vantagem pertence, pois, áquelle que o fizer com economia de tempo e com mais perfeição. Simon tenta resolver experimentalmente este problema, para o que estabelece preliminarmente :

a) Como apreciar uma leitura ?
b) Quaes as phases de acquisição ?

Na apreciação destes dois problemas, convém considerar os tres factores :

o debito
a velocidade
a correcção

1. *O debito.*—De accordo com a natureza do debito, Vaney estabeleceu a seguinte escala de leitura :

a) *Leitura subsyllabica*, reduzida simplesmente á soletração mais ou menos perfeita.

b) *Leitura syllabica*, assignalada por paradas depois de cada syllaba.

c) *Leitura hesitante* de palavras ou grupos de palavras com paradas, sem considerar a pontuação.

d) *Leitura corrente.*

e) *Leitura corrente expressiva.*

2. *A velocidade.*—Ella representa fielmente o grau de leitura attingido pelo alumno. Mede-se este factor, muito facilmente, mandando-se a creança ler, em voz alta, durante tres a cinco minutos contados no chronometro, um trecho que não apresente difficuldades especiaes. Os resultados fornecidos por esta technica são muito precisos e, portanto, comparaveis. Eis as medidas obtidas nas escolas de Paris (meninos) :

Aos 7 annos e meio	55 palavras por minuto	
Aos 8 annos e meio	60 »	» »
Aos 9 annos e meio	100 »	» »
Aos 10 annos e meio	120 »	» »
Aos 11 annos e meio	130 »	» »
Aos 12 annos e meio	140 »	» »

3. A velocidade e o debito informam imperfeitamente sobre o mecanismo da leitura e de sua acquisição. E' importante considerar tambem a *correcção* para o que foram propostos varios *tests* especiaes.

Simon comparou ainda, entre si, creanças que aprenderam a ler pelo methodo synthetico e pelo global, no que concerne á leitura de syllabas isoladas. Este estudo comparativo revelou que as creanças instruidas pelo methodo synthetico apresentam quatro phases de acquisição :

a) Leitura de algumas letras isoladas.

b) Soletração com omissão e confusão de letras.

c) Soletração predominante, mas reunião de algumas letras.

d) Syllabação relativamente correcta, com persistencia de fórmas transitorias entre a soletração e a syllabação propriamente dita (ex.: *eau* lido e ..au, *pso* lido p..so).

As creanças instruidas pelo methodo global, quando não podem ler a palavra dada, procuram uma palavra visinha da syllaba apresentada (ex.: *phre* approximado de *pied*; *ne* de *sucre*, etc.). Estas approximações se tornam cada vez mais precisas do começo para o fim do anno de aprendizagem.

Que conclusão se póde tirar destes factos ?

«A edade de acquisição, diz Simon, parece sensivelmente a mesma, independentemente do methodo empregado; o menino se engana, sem duvida, differentemente segundo a aprendizagem que elle recebeu, mas o engano é fatal; não encontra as mesmas difficuldades, mas parecem eguaes ás que se mostram insuperaveis.

Demais, parece que muito nos illudimos quanto á pureza dos nossos methodos. Mesmo partindo de letras, ou de sons, os methodos syntheticos põem sob as vistas da creança palavras inteiras.

No methodo global as palavras são, na verdade, apresentadas por inteiro, mas as porções approximadas têm frequentemente sons analogos, e os meninos já aprenderam, por occasião da escripta, a distinguir as suas letras.

Em todo methodo de leitura, são numerosos os factores de aprendizagem extranhos a elle. Poder-se-ia adeantar, mesmo, que as creanças aprendem a ler *apezar dos nossos methodos.*»

Como conclusão pratica : o que o educador deve ter em vista não é applicar servilmente um só methodo para todos os alumnos; convém que elle conheça em suas difficuldades e complexidade, os dois methodos, afim de poder applicar, com intelligencia e discernimento, cada um de accordo com as circumstancias, isto é, segundo a creança que elle tem de instruir.

(Emile Joucela, Resumo, l'Ecole et la Vie, 8e. année, n. 23, 21—2—1925.)

Os methodos de educação e hygiene applicada

(Pelo Dr. CLAPAREDE, em *L'Éducation*, n. 5, fevereiro de 1925)

Theses que o dr. Ed. CLAPAREDE apresentou ao Congresso de Hygiene Mental, reunido em Paris, em junho de 1922.

1.°—Nos paizes «civilizados», a escola, publica e particular (com algumas felizes excepções) consagra uma multidão de heresias physiologicas e biologicas, contra as quaes as Ligas de Hygiene Mental devem lutar sem treguas nem desfallecimentos. Heresias moraes tambem, porque quantas vezes a escola não extinguiu na creança o gosto pelo trabalho, e não projectou sobre a infancia, uma sombra indelevel?

2.°—A escola, para realizar sua missão do modo mais completo, deve inspirar-se em sua concepção funccional da educação e do ensino. Esta concepção consiste em considerar a creança como o centro dos programmas e dos methodos escolares, e a educação como uma adaptação progressiva dos processos mentaes a certas acções determinadas por certos desejos.

3.°—O motivo da educação deve ser não o medo do castigo, nem mesmo o desejo de uma recompensa, mas o *interesse*, o interesse profundo pela a cousa que deve assimilar ou executar. O menino deve adquirir o habito do trabalho, a noção do cumprimento do dever, não para obedecer a outrem, mas porque este modo de proceder lhe é agradavel. Em synthese, a disciplina interna deve substituir a externa.

4.°—A escola deve preservar o periodo da infancia. Muitas vezes, ella a encurta, supprimindo phases que deveriam ser respeitadas.

5.°—A educação visa desenvolver as funcções intellectuaes e moraes, e não encher a intelligencia com uma serie de conhecimentos, que, quando não são rapidamente esquecidos, permanecem na memoria como cousas mortas, verdadeiros corpos estranhos sem nenhuma relação com a vida.

6.°—A escola deve ser activa, isto é, mobilizar a actividade da creança. Deve constituir mais um laboratorio do que um auditorio. Com este intuito, ella poderá tirar partido vantajoso do *jogo*, que estimula ao maximo a actividade infantil.

7.°—A escola deve ensinar a creança a amar o trabalho. Muitas vezes ella lhe faz detestal-o, creando, em torno dos deveres que impõe, associações affectivas prejudiciaes.

8.°—Como a vida que espera a creança ao sahir da escola é o meio social, é preciso apresentar o trabalho e os ramos de estudo sob um aspecto vital e mesmo *social*. Ora, a escola tem desprezado esta face do problema educativo, transformando o trabalho escolar em alguma cousa artificial e sem significação social.

9.°—Neste novo modo de encarar a educação, a funcção do mestre se transformou radicalmente. Este não deve ser mais o omnisciente encarregado de petrificar a intelligencia e de mobiliar o espirito com conhecimentos. A sua missão, bem mais difficil, deve ser a de um *estimulador* de interesses, accordando na creança necessidades intellectuaes e moraes. Deve ser para os seus discipulos mais um collaborador do que um professor *ex-cathedra*. Em vez de se limitar a transmittir os conhecimentos que possue, cumpre-lhe auxiliai-os a adquirir os mesmos pelo trabalho e por pesquisas pessoaes. O enthusiasmo, e não a erudição, será sua virtude principal.

10.—Esta nova concepção da escola e do educador implica uma transformação radical na formação dos *mestres*, cujo preparo deve ser principalmente psychologico.

11.—A observação tem demonstrado que são limitadas as capacidades naturaes de cada pessoa, e que é inutil querer desenvolver capacidades que não possue.

E', pois, necessario que a escola tenha principalmente em vista as *aptidões individuaes*, e se approxime do ideal da «escola sobre medida». Poder-se-ia conseguir esse desideratum deixando, nos programmas, ao lado de um programma minimo commum e obrigatorio a todos, comprehendendo as

Directorias da Liga da Bondade "Analia de Carvalho", fundada a 13 de maio de 1925, no Grupo Escolar de S. Matheus, de Juiz de Fóra.

disciplinas indispensaveis, um certo numero de *especialidades*, que os interessados poderiam aprofundar á vontade, movidos sempre pelo interesse e não pela obrigação de prestar exame sobre ellas.

12.—Uma democracia, mais que todo outro regime, tem necessidade de uma *élite*, intellectual e moral. E', pois, de interesse da sociedade e dos individuos, seleccionar as creanças bem dotadas, collocando-as em condições mais proprias para o desenvolvimento de suas aptidões naturaes.

13.—As reformas preconizadas só serão possiveis se o *systema de exame* for radicalmente transformado. A necessidade de exames impelle o professor a transformar o ensino em *memorização*, abandonando sua função principal que é desenvolver a intelligencia. Salvo talvez para o minimo de conhecimentos indispensaveis, os exames deveriam ser supprimidos e substituidos por uma apreciação sobre os trabalhos individuaes executados durante o anno, ou por *tests* apropriados.

14.—A psychologia experimental póde fornecer á pedagogia pratica meios adequados á verificação do valor dos methodos didacticos e do aproveitamento escolar. Fornece tambem methodos de diagnostico mental *tests* (mentaes).

15.—A inercia e o espirito de rotina das administrações sendo tacitamente sustentadas pela indifferença do grande publico ou pela sua incomprehensão pela reforma solicitada, cumpre ás Ligas de Hygiene mental emprehender, em todos os paizes, uma propaganda intensa em favor das idéas novas.

O escopo da pedagogia moderna

(Por PIERRE BORET, em L'Education, n. 2, novembro de 1924)

Resumo

A pedagogia moderna deve ser scientifica em sua inspiração e em seus methodos. Ella necessita da collaboração mais intima da nova sciencia chamada *psychologia infantil*, iniciada por Stanley Hall.

Antes do advento desta sciencia, para fundar-se uma pedagogia scientifica, insistia-se sobre a presumpção de que a creança é um ser *receptivo* (HERBART). Educal-a era apresentar-lhe idéas em uma ordem logica. Hoje, ao contrario, verificou-se que a creança é um ser *activo*, porque vive e cresce, e não uma cera macia; o seu desenvolvimento se opera pela actividade, o exercicio e o jogo. Nossa concepção da educação será, pois, muito diversa, e tiraremos partido dos dados psychologicos.

A pedagogia é um conjuncto de methodos de disciplinas; para criticar a superioridade de um methodo, é necessario mostrar os seus resultados praticos. Compete á pedagogia experimental constituir methodos de verificação, universalmente reclamados.

Verificou-se, por exemplo, que o ensino da estenographia, nas classes primarias, não prejudica a boa orthographia. O estudo do esperanto favoreceu, em experiencias realizadas na Inglaterra, o aprendizado do francez.

Os resultados da pedagogia experimental provam que é necessario partir dos interesses da creança para organizar os programmas de ensino.

Com relação ao leite

(Au sujet du lait)

Dr. P. E. Morhardt—L'Ecole et la Vie—31—Janeiro 1925.

O verdadeiro valor alimentar do leite, como deve elle ser dado ás creanças e aos adultos. Tal o que M. procura mostrar. O leite só pode ser considerado alimento completo para a creança desde ao nascer até aos 6, 8 ou 10 mezes, pois, si é verdade que elle pode fornecer ao organismo gordura, hydrato de carbono, albuminas, sais mineraes e vitaminas, não possue, todavia, outros elementos cuja administração se torna indispensavel á creança pois daquelle periodo da vida.

O mais importante destes elementos é o ferro, que o leite contem em insufficiente. A admisnistração unica do leite depois dos 6 a 8 mezes conduz o individuo a uma anemia, entre outros symptomas desagradaveis, por falta de ferro.

Si tal não acontece nos primeiros mezes da vida é pelo facto de aproveitar-se nesse periodo, a creança da reserva consideravel de ferro com que vem ao mundo. Mas auxiliado por outras substancias alimentares o leite é posteriormente indispensavel. E' o alimento que mais activa o crescimento. Para evitar os excessos para mais ou para menos, M. estabelece as seguintes regras: para creanças de 8 mezes a 1 anno, 800 grammas de leite de vacca por dia, recorrendo-se a papas de farinhas si as necessidades alimentares da creança o exigirem. Se o leite é materno, 1 000 a 1.200 grammas não têm inconvenientes. Nas creanças um pouco maiores, a quantidade de leite não deve ser superior a 1/2 litro ou 3/4 de litro, sendo o restante constituido de carne ou ovos e hydrato de carbono. No adulto 1/3 de litro a meio litro é sufficiente.

Trata, em seguida, dos inconvenientes do leite fervido. As antigas prevenções contra o leite crú acham-se hoje abaladas. A transmissão de varias molestias, entre outras, a diarrhéa dos lactentes, pelo leite crú, não pode ser sustentada com a mesma firmeza de outróra. Quando o leite não é, todavia, empregado logo após a colheita, deverá ser «purificado», para o que aconselha aquecel-o até 85.°, do seguinte modo:

Mergulhar os vidros contendo o leite em banhomaria, de modo que a agua chegue ao mesmo ni-

vel que o leite; leva-se a agua á ebulição, feito o que, o leite se acha "purificado", podendo sem nenhum receio ser usado.

Este processo é muito differente do da "esterilização", até ha bem pouco aconselhado, em que o leite devia ser fervido durante 45 minutos, o que apresenta varios inconvenientes: precipitação dos phosphatos de calcio, eliminação do acido carbonico necessario á digestão, agglomeração das finas gotticulas gordurosas do leite crú em gottas maiores, que difficilmente são atacadas pelos succos digestivos, etc., tudo isso tornando o leite fervido um alimento pesado, favorecendo mesmo á pullulação microbiana nos intestinos.

Se o leite é usado logo após a colheita, até mesmo a purificação póde ser dispensada, principalmente quando as tétas da vacca foram convenientemente lavadas por occasião da extracção.

Mostra-se M. favoravel ao emprego do leite condensado, que, desde tenha sido preparado em temperatura mais baixa possivel (maximo de 60°), produz resultados perfeitamente satisfactorios, mas é indispensavel que se dê tambem diariamente ao lactente 1 a 2 colheres de café de caldo de fructas frescas, por causa das vitaminas desses caldos.

Salienta a superioridade do leite de jumenta sobre o da vacca na alimentação infantil mas a difficuldade em se obter esse leite e seu elevado preço impedem-lhe a diffusão. Tal não acontece com o leite de cabra "a vacca do pobre", cuja criação é facil e pouco dispendiosa, sobretudo quando se consegue estabulação desses animaes; consegue-se, com isso, resolver este importante problema:

fornecer á creança leite fresco e de bôa qualidade. Mas é indispensavel evitar-se dois grandes perigos na administração do leite de cabra: uma anemia grave que elle produz nas creanças de menos de 5 mezes e a transmissão de uma molestia commum nas cabras — a febre mediterranea. Para evitar o primeiro destes inconvenientes é necessario ajuntar-se ao leite de cabra leite materno. Quanto ao segundo basta a purificação do leite, que não deve ser nunca dispensada, numa temperatura de 60° é absolutamente fatal ao germem da molestia.

No nosso meio este ultimo accidente não deve ser considerado, por isso que a febre de malta não existe entre nós, salvo em se tratando de cabras importadas já com a infecção.

Lucas Machado

GRUPO ESCOLAR DE CALDAS, aos 14 de Julho de 1925. — Director, José Alfredo Silva

LIÇÕES INTUITIVAS

II

Numeros romanos

Ensinar pouco para ensinar bem. Esta lição se doutrina ao 2º anno primario.

Professora. Vocês se lembram dos algarismos romanos, que hontem lhes ensinei? Quantos são elles, Livia?

Alumna. Os algarismos romanos são sete.

P. Venha escrevel-os no quadro, e depois leia-os com os seus valores.

A. I, vale um; V, cinco; X, dez; L, cincoenta; C, cem; D, quinhentos; M, mil.

P. Observemos agora o relogio escolar. Ophelia, aponta ahi os numeros um, cinco e dez.

A. Um, I; cinco, V; dez, X.

P. Agora vejam dois, tres e quatro. Que é o que se fez com o algarismo I, Julieta?

A. Foram escriptos dois I, tres I, quatro I.

P. Como vêm, alguns similhantes, seguidos uns aos outros. sommam-se. Sabendo-se que X vale dez, dois X, assim escriptos, quanto valem?

A. Vinte.

P. Raphael, como escreveram no mostrador do relogio seis, sete e oito?

A. Desta maneira: VI, VII, VIII.

P. Quer dizer V, cinco, mas um I, ou dois I, ou tres I. Todo algarismo collocado á direita de um algarismo maior do que elle, accrescenta-se ao mesmo. Vejam onze e doze no relogio. Venha escrevel-os, Antonio.

A. Escrevi XI, XII.

P. Está direito. Escreva nove ao lado de onze. Si quizer, póde ver no mostrador.

A. Aqui está: XI, IX.

P. Reparem bem: I depois de X augmentou um, e antes de X diminuiu um. Leia os numeros do mostrador, Laura. Onde estão seis, nove, onze e quatro? Escreva esses numeros.

A. Prompto: VI, IX, XI, IIII.

P. Quatro quasi sempre se escreve IV, em vez de IIII. Bem, vejamos si a Dulce escreve de cór as horas do dia.

A. I, II, III, IV, V, VI...

P. Venha continuar, Cicero.

A. VII, VIII, IX, X, XI, XII.

P. Arthur, tres algarismos romanos, XXX, que numero representam?

A. Representam o numero trinta.

P. Um algarismo menor depois do maior, que fez com este? Seja VI.

A. E' accrescentado a elle. Cinco mais um, seis.

P. E um algarismo menor antes do maior, IX, por exemplo?

A. E' diminuido delle. Um tirado de dez, nove.

P. São tres casos differente: algarismos eguaes juntos, II; algarismo menor depois do maior, XI, algarismo menor antes do maior, IX. Agora escreverei em algarismos romanos os numeros seguintes: VI, X, III, VIII, XII, IV, XI, IX, X, V. Altina, venha escrever os numeros equivalentes em algarismos arabicos;

A. Já escrevi: 6, 10, 3, 8, 12, 4, 11, 9, 10, 5.

P. Vou escrever numeros para serem passados a algarismos romanos: 5, 2, 9, 11, 12, 4, 3, 10.

A. Prompto: V, II, IX, XI, XII, IV, III, X.

P. Deixarei escriptos no quadro negro os numeros de um a doze. Decorados bem esses numeros, vocês aprenderão facilmente a conhecer as horas no relogio, o que lhes ensinarei em outro dia.

III

Composição oral de cartas

Trata-se de um ponto do 3º anno, assim expresso: «composição oral de cartas, para preparo da redação de cartas familiares e commerciaes».

Póde-se considerar a carta, no curso primario, como a mais importante das composições. Para o exame final de lingua patria, no referido anno, eu sómente exigiria do alumno que escrevesse com toda a clareza e correcção uma carta familiar.

Professora. Qual dos alumnos já recebeu uma carta?

Alumno. Eu recebi uma carta de papae.

P. Quem lhe entregou a carta, Luiz?

A. Fui buscal-a na agencia do correio.

P. A agencia do correio recebe cartas para remetter ou para entregar a seus destinatarios. Quem entrega as cartas na cidade, Cecilia?

A. E' o carteiro.

P. As cartas veem dentro de um enveloppe, como este que lhes mostro. A carta é uma conversa escripta de grande valor, não só para as relações de amizade, mas tambem para as relações commerciaes. Para escrever uma carta, pomos em primeiro logar a data. Escreva a data aqui no quadro, Vicente.

A. Está escripta.

P. A carta é para o amigo jorge. Você escreverá:

Meu querido Jorge.

A. Já escrevi.

P. Sendo a carta uma conversa, deverá começar pelo cumprimento. Quem sabe? Você Isaura, qual é?

A. Bom dia.

P. Está direito, mas geralmente não se usa assim. Escreva este que lhe digo.

A. Escrevi: Affectuosas saudações.

P. Agora, segue-se a prosa com o amigo. Desta vez eu mesmo irei escrevendo o que disserem. Comece Você Sebastião.

A. Nós estamos aprendendo a escrever cartas com a nossa professora.

P. Você, Margarida.

A. Ella nos disse que carta é uma conversa escripta.

P. Augusto, conte alguma coisa a respeito do progresso da cidade.

A. A cidade tem progredido bastante.

P. Que é o que ella possue, Ophelia?

A. Ella já possue muitos automoveis.

P. De que se lembra Você, Joaquim?

A. Vae possuir tambem uma fabrica de tecidos.

P. Celia, a cidade não vae ter mais uma estrada de ferro?

A. Estão trabalhando para trazer mais uma estrada de ferro.

P. E agora, fale alguma coisa da aula, Eugenio.

A. Estou no terceiro anno do Grupo Escolar.

P. Continue, Eduardo.

A. Tenho muitos collegas e uma professora excellente, que é a D. Lydia.

P. Você Elvira?

A. Vou a aula de manhã com todo este frio.

P. Ruy, diga alguma coisa.

A. Tambem frequento a bibliotheca, de que gosto muito.

P. Conclue a carta com um abraço, Eurico.

A. Receba um apertado abraço do amigo Eurico.

P. Rosalina, faça a leitura da carta.

A. (Lê). Lavras, 24 de junho de 1925.

Meu querido Jorge

Affectuosas saudações.

Nós estamos aprendendo a escrever cartas com a nossa professora. Ella nos disse que carta é uma conversa escripta.

A cidade tem progredido bastante. Ella já possue muitos automoveis. Vae possuir tambem uma fabrica de tecidos. Estão trabalhando para trazer mais uma estrada de ferro.

Estou no terceiro anno do Grupo Escolar. Tenho muitos collegas e uma professora excellente, que é a D. Lydia. Vou á aula de manhã com todo este frio. Tambem frequento a bibliotheca, de que gosto muito.

Receba um apertado abraço do amigo Eurico.

P. Havemos de fazer outros exercicios como estes. Mais tarde cada um de vocês escreverá, por si mesmo, uma cartinha.

IV

Lei 13 de Maio

Este ponto pertence ao 4º anno. Em lições anteriores os alumnos ouviram falar da escravidão no Brasil, e do trabalho feito para extinguil-a' desde o abolição do trafico africano.

Professora. Aqui está um quadro com a lei 13 de Maio de 1888. Heitor, venha fazer a leitura da lei).

Alumno. (Lê em voz alta a lei).

P. Ha quantos annos foi extincta a escravidão no Brasil, Irene? Faça a conta.

A. Ha 37 annos.

P. Duraram muitos dias as festas, que então se fizeram por causa da libertação dos escravos. Nunca houve en. nosso paiz um acontecimento, que despertasse no povo maior regosijo. E nós devemos testejar sempre a gloriosa data de 13 de Maio, lembrando-nos dos que mais trabalharam pela abolição. Orlando, venha escrever os nomes de alguns dos principaes abolicionistas.

A. já escrevi os nomes que o Sr. mandou: Luiz Gama, José do Patrocinio, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa.

P. Luiz Gama era um negro, cuja historia vou contar-lhes; José do Patrocinio foi talvez o principal dos abolicionistas, incansavel, na grande campanha, a qual elle consagrou seu admiravel talento; Joaquim Nabuco distinguiu-se principalmente na Camara dos Deputados como orador inexcedivel em favor da liberdade dos escravos; Ruy Barbosa, conhecido como o maior dos brasileiros, tem no programma um ponto especial a seu respeito. De quem mesmo prometti contar a historia?

A. O Sr. prometteu contar-nos-ia historia de Luiz Gama.

P. Luiz Gama nasceu na Bahia. Era filho de uma negra africana livre e de um homem importante. Seu pae o vendeu como escravo, quando elle tinha dez annos. Deu-se o facto da seguinte maneira:

Ás 5 horas da tarde, o pae de Luiz Gama mandou vestir o filho, dizendo que ia dar um passeio com elle. Chegando ao caes, tomou o bote e dirigiu-se para uma embarcação, onde, depois de conversar com o commandante, retirou-se e ahi deixou o filho. Este, sempre vivo e esperto, quando viu o pae afastar-se e entrar no bote, perguntou-lhe:

«Então, meu pae, não me leva comsigo?

Ao que elle respondeu:—«Não, porque me esqueci de alguma coisa em terra; voltarei breve e iremos juntos».

Foi então que Luiz Gama desceu, aproximou-se do bote, que já se afastava, e exclamou:—«Meu pae! O senhor me vendeu!».

O velho olhou-o por algum tempo; os olhos se lhe encheram de lagrimas, e deu ordem aos remadores que tocassem para terra.

A. Como se chamava o pae de Luiz Gama?

P. Luiz Gama era tão bom que não quiz nunca revelar o nome de seu pae.

A. E depois?

P. Depois, Luiz Gama foi remettido como escravo a um negociante do Rio de Janeiro, que o vendeu ao alferes Cardoso. Este o levou com outros escravos para S. Paulo. Apenas com dez annos de idade, Luiz Gama teve que fazer a pé toda a viagem desde Santos até Campinas. Em casa do alferes Cardoso elle aprendeu, alem do officio de sapateiro, a lavar, engommar e costurar. Ahi aprendeu tambem as primeiras letras com um estudante, e obtendo provas de ser livre, fugiu e foi assentar praça. Tinha então desesete annos.

A. Desde esse tempo elle deixou de ser escravo?

P. Sim, elle ficou livre desde esse tempo. Serviu como soldado seis annos, durante os quaes entregou-se tambem á leitura. Mais tarde fez-se advogado, jornalista e grande propagandista da abolição. Por esta causa teve a sua cabeça a premio pelos fazendeiros, e houve tempo em que não poderia ir de S. Paulo a Campinas sem risco de vida.

Como defensor de escravos perante o jury, elle affirmava:—«Todo escravo que mata o senhor, seja em que circumstancia for, mata em legitima defesa!»

Em uma causa celebre, tendo a José Bonifacio como advogado contrario, Luiz Gama obteve a liberdade de mais de cem escravos.

Luiz Gama é um bello exemplo de quanto valem a bondade, o caracter e a energia. Vendido como escravo pelo seu proprio pae, ignorante, pobre e perseguido, elle, apesar de tudo isso, tornou-se em S. Paulo um advogado importante e um cidadão estimadissimo, que alcançou a liberdade para mais de 500 escravos. Falleceu em 1882, quando contava 52 annos de idade.

Em outra aula será contada por vocês a historia de Luiz Gama.

V

O homem

E' um ponto do 4º anno: «O homem: orgams, apparelhos e funcções, em noções summarias». A presente lição figura como sendo a primeira, que deverá ser seguida de outras para explanar o assumpto.

Professora. De que é coberto o nosso corpo, Manoel?

Alumno. O nosso corpo é todo coberto de pelle.

P. Elle não é só revestido de pelle por fóra, é tambem revestido de pelle por dentro. Dá-se o nome de *mucosas* á pelle de dentro. Para garantia da saude é preciso trazer limpas e protegidas contra ferimentos e outros males a pelle e as mucosas. Para que ter-se-ia inventado a roupa, Luiza?

A. Foi para a pessoa não ficar despida.

P. Inventou-se a roupa para proteger a pelle. O calçado é tambem indispensavel para protegel-a. Um dos grandes amigos da pelle é o banho diario, acompanhado de sabão. Agora, Moacyr, ferindo-se a pelle, que é que sae?

A. Ora, sae sangue.

P. O sangue em movimento entretem a vida, nutrindo as diversas partes do corpo. Elle está directamente protegido pela pelle e pelas mucosas. Quando estas recebem algum ferimento, é necessario laval-as com agua fervida e cobril-as com algodão limpo, convindo tambem passar tintura de iodo sobre a ferida. Diga assim, Leonor, a ferida é uma portinha aberta para entrar algum inimigo do sangue.

A. (Repete).

P. Na cidade existe a canalização d'agua, que conduz este liquido para as diversas ruas, servindo os habitantes. No corpo ha a circulação do sangue, que leva este ás diversas partes, nutrindo os orgams. A agua vae em cano de ferro, o sangue corre em vasos sanguineos. O sangue correrá muito, Odilon?

A. Não sei, não.

P. O sangue corre muito depressa; elle não gasta meio minuto para dar uma volta completa, o que explica a rapidez de acção dos venenos ou de certos medicamentos. O sangue póde parar, Angelina?

A. Si elle parar, a pessoa morre.

P. Acontece ás vezes que a circulação cessa: a vida fica então suspensa. Este accidente grave, conhecido pelo nome de *syncope*, produz a morte, si se prolonga. Quaes são os vasos, onde circula o sangue, Carlinhos?

A. Eu acho que são as veias.

P. Não são sómente as veias, são tambem as arterias e os capilares. Vamos ver na figura que aqui está. Mas, é preciso mostrar-lhes primeiramente o coração. Onde está elle, Catharina?

A. Está batendo aqui no meu peito.

P. O coração faz como um relogio, tique-taque, batendo de dia e de noite, sem dormir nem um instantinho. O coração é que põe o sangue em movimento. Partem delle as arterias, que distribuem o sangue nas diversas partes do corpo; as veias servem para reconduzir o sangue ao coração; os capilares são canaes finissimos, intermediarios de arterias e veias. Nesta figura as arterias estão indicadas em traços vermelhos e as veias em traços azues. Notar-se-ê que o coração, as arterias, as veias e os capillares trabalham juntos?

A. Sim, elles trabalham juntos.

P. Pois, os orgams, que funccionam em commum e concorrem para o mesmo fim, formam um apparelho. O coração, as arterias, as veias e os capillares constituem o *apparelho circulatorio*, sobre o qual darei mais tarde outras explicações.

FIRMINO COSTA

GRUPO ESCOLAR DE CURVELLO
Director e corpo docente tendo á esquerda o inspector regional da circumscripção sr. Theodoro Chaves

LIÇÕES PRATICAS

CONTINUAÇÃO

A.—(Abaixando com a mão direita o dedo minimo da esquerda). *Conheci uma vez um lindo cão de nome Sultão* (Abaixando o anular). *Não havia cão mais fiel nem mais intelligente que o sultão.* (Abaixando o médio). *Os seus donos o queriam muito.* (Abaixando o indicador). *Elles o possuiam ha muito tempo.*

P.—(A principio não se póde esperar que os alumnos apresentem mais do que tres ou quatro idéas para cada paragrapho).

Conte-nos, Alfredo, as habilidades do Sultão.

A.—(Fazendo o mesmo exercicio com os dedos). *Sultão tinha muitas habilidades* (Desce o 1º dedo). *A melhor dellas era ir buscar leite á chacara vizinha e trazel-o sem entornar.* (Desce o 2º dedo). *A's vezes achava o portão fechado e então pulava, com o leite no balde.* (Desce o 3º dedo).

P.—Vae você, Arthur, continuar falando do gatinho.

A.—(Erguendo os dedos da mão esquerda). *Na casa de Sultão havia um gatinho chamado Mimi.* (Desce o 1º dedo). *Um dia os donos da casa sairam e esqueceram de deixar comida para o Mimi, que se poz a miar.* (Desce o 2º dedo). *Sultão quiz que elle roesse o seu osso, mas o gatinho era pequeno e não sabia roer osso.* (Desce o 3º dedo). *Ahi, Sultão o arrarrou pelo pescoço e o levou á chacara donde costumava trazer o leite.* (Desce o 4º dedo). *A senhora da chacara deu-lhe bastante leite fresco para beber.* (Desce o 5º dedo).

P.—Agora, vae Arlindo falar sobre a recompensa do Sultão

A.—*Logo que os donos de Sultão voltaram á casa, receberam uma visita.* (Desce o 1º dedo). *Era a senhora da chacara vizinha.* (Desce o 2º dedo). *Ella contou-lhes o que Sultão fez.* (Desce o 3º dedo). *Os donos de Sultão ficaram tão contentes, que lhe compraram um bonita colleira.* (Desce o 4º dedo). *Vamos todos ser bons para os nossos animaes.* (Desce o 5º dedo).

5º PASSO—Esta é a parte divertida para as crianças, pois nada lhes agrada mais do que representar.

Escolher-se-ão, em primeiro logar, os actores naturaes, (todas as classes os têm) deixando-se á classe a liberdade de suggerir as modificações.

Talvez o mais travesso da classe queira ser o sultão, e a boa vontade com que elle procura desempenhar o papel, nos fará mudar a opinião que delle formavamos.

II

Reproducção escripta

No dia immediato o assumpto é retomado.

Cuida-se da escolha do titulo, recordam-se os paragraphos, repetem-se as recommendações; começa a lição escripta.

Uma figura recortada, o desenho dum cão, no cabeçario da lição, eis um grande incentivo para se obter lição caprichada.

Durante o tempo em que a classe estiver escrevendo, o professor a percorrerá, de carteira em carteira, assignalando os erros mais visiveis. Esses erros serão corrigidos immediatamente. Nenhuma correcção feita pelo professor faz a criança ter consciencia dos erros, a cão ser que essa correcção seja feita no momento, sob sua vista.

E mais, a criança precisa aprender a criticar seu proprio trabalho, a ter consciencia dos seus erros, e quando isto conseguirmos, elles desapparecerão e teremos attingido nosso alvo—boa linguagem oral e escripta.

P.—Que nome quer você, Armando, dar a esta lição?
A.—*Sultão.*
P.—E você, Arthur?
A.—*Um cão habilidoso.*
P.—Você, Alberto, como é que vae escrever na sua lição?
A.—*Sultão e o gatinho.*
P.—E você, Augusto?
A.—*Sua melhor habilidade.*
P.—Quem sabe outro nome?
A.—*Recompensa a um cão.*
P.—Muito bem! O nome da lição chama-se *titulo*, e é sempre escripto em letra maiuscula.

Lembra-se você, André, onde é que se começa a escrever a primeira palavra de cada paragrapho?

A.—Sim, senhora. Agora, eu não me esqueço mais. Começa-se a escrever a uns dois dedos para dentro da margem.

P.—Ainda bem que você se lembre. Não quero que nenhum dos meus alumnos descuide disso, que é muito importante.

Convem ainda se lembrarem que não é bonito repetir a mesma palavra muitas vezes, especialmente no começo dos paragraphos. Tambem não abusem do *era uma vez*, do *dahi*, do *depois*, do *então*, etc.

Quero agora que Antonio venha ao quadro negro, para escrever a palavra *habilidade*.

A.—(Vae ao quadro negro e escreve: *habilidade.*)
P.—Alcides vae escrever: *attentamente.*
A.—(Escreve: *attentamente.*)
P.—(Serão escriptas no quadro negro todas as palavras de orthographia um pouco mais difficil.)

Vamos recordar depressa as diversas partes da historia, que se chamam...

A.—*Paragraphos.*
P.—Sim. Na primeira parte tratámos do...
A.—*Cão.*
P.—(Escreve: *O cão.*) Na segunda, falámos de que?
A.—*A sua melhor habilidade*
P.—(Escreve: *A sua melhor habilidade.*) E depois?
A.—*O gatinho.*
P.—(Escreve: *O gatinho.*) E por fim? Qual é o final da historia?
A.—*A Recompensa de Sultão.*
P.—(Escreve: *Recompensa de Sultão.*) Agora, vamos escrever a historia, lembrando-nos bem de todas as recommendações.

***

O primeiro alumno a terminar, traz o trabalho á mesa do professor, que corrige os erros mais importantes. Esse primeiro discipulo senta-se com o segundo; o terceiro com o quarto; etc. Trocam as lições e assignalam os erros encontrados. Numa folha separada fazem suas correcções.

O alumno que encontrar maior numero de erros, poderá collar ou recortar as figuras para a lição seguinte.

Os alumnos que acabarem primeiro as correcções, poderão escrever uma historieta a respeito dalgum cachorro conhecido, para depois lêrem á classe.

E' de proveito collocar as melhores lições num logar onde fiquem bem visiveis.

Depois de applicar esse processo a seis ou mais historietas, permitta-se aos alumnos a escolha do assumpto.

Deixe-se um delles contar a historia á classe, fazer perguntas, organizar os paragraphos, etc., sem auxilio. Este trabalho de originalidade mostrará quando a criança assimilou.

Ter-lhe-emos dado material com que trabalhar e instrumentos com que fazer esse trabalho e, o que é melhor, terlhe-emos ensinado a fazer com gosto tanto a reproducção oral como a escripta.

LINGUAGEM ESCRIPTA

UMA CARTA

XXX

Ensinar Linguagem escripta ás crianças, é incontestavelmente muito difficil. O professor deve, porém, procurar vencer todos obstaculos que se lhe apresentem no ensino, e cuidar com verdadeiro carinho dessa importante materia. Trataremos, hoje, de ensinar ás crianças o modo mais facil ao seu alcance, de escrever uma carta. Não ha mal algum que ellas recijam a sua primeira cartinha, mais ou menos egualmente ao modelo apresentado pelo professor. As normas copiadas pelos alumnos, são bases poderosissimas que elles mais tarde ampliarão com os seus estudos superiores. Depois da classe convenientemente preparada, segundo as boas regras de disciplina, o professor começará a sua aula.

Professor.—Muita attenção! Quero vêr sobre as carteiras só a pasta, o caderno de linguagem e a caneta. Vocês todos sabem que hoje é dia...

Alumnos.—20 de maio.
P.—De que anno?
A.—Do anno de 1924.
P.—Todos sabem tambem que no dia 21 de junho, isto é, no mez seguinte, começarão as...
A.—As férias.
P.—Que terminarão no dia...
A.—No dia 30 de junho.
P.—Muito bem! Attenção! Vocês vão hoje escrever a primeira cartinha. Sendo assim, quero que ella seja escripta aos seus papás. Supponhamos que elles não moram aqui em S. Paulo; reside um em Santos, outro em Itú, outro em Rio Claro, etc. Supponhamos ainda que vocês estejam morando em casa dos parentes, afim de se educarem. Como já sabem, no dia 21 de junho, começarão as férias, e assim sendo, é natural que vocês vão passar os dias de descanso juntos de seus paes e irmãos. Cada qual de vocês irá escrever uma cartinha ao seu papae, dizendo-lhe, mais ou menos, o seguinte: — «No d a 21 de junho começarão as ferias de inverno e por isso irei até ahi para descansar um pouco das luctas do estudo. Partirei daqui pelo trem das 8 horas, e peço ao bom papae o favor de ir esperar-me na estação. Estou muito contente, pois o meu professor gosta muito de mim e disse que eu sou estudioso e comportado. Assim sendo, espero passar no fim do anno, para o 1º anno medio. Estou ancioso por chegar logo o dia 21 de junho, para poder abraçar o papae e a mamãe e brincar com os irmãozinhos os bonitos jógos que aprendi aqui na escola, Para terminar, envio saudades e abraços á bondosa mamãe e aos caros maninhos. Um forte abraço do filho que lhe quer bem, João». Entenderam?

A.—Entendemos, sim, senhor.
P.—Bem. Attenção! Eu vou repetir. (O professor repetirá duas ou mais vezes e depois fará diversos alumnos reproduzirem o assumpto, auxiliando-os, corrigindo-os, etc.). Muito bem! Todos, então, entenderam o que devem mandar dizer na carta?

A.—Entendemos, sim, senhor.
P.—Sempre attentos! Vocês precisam saber que na primeira linha do papel, quando se escreve uma carta, põe-se o nome do logar onde se está e o dia, mez e anno em que se escreve. De modo que na primeira linha vocês escreverão... (Vae ao quadro e escreve). «S. Paulo, 20 de maio de 1924". Escrevam todos. Leia você, Luiz.

A.—"S. Paulo, 20 de maio de 1924".
P.—Muito bem! Sente-se. (Assim fará com outros alumnos.) Muita attenção! Agora, na segunda linha do papel, vocês vão escrever o endereço, isto é, para quem vão escrever. Eu disse que escrevessem uma carta ao...

A.—Ao papae.
P.—Bem. Então, vocês, na segunda linha, pódem escrever qualquer dos seguintes endereços: — "Meu caro pae, Meu adorado pae, Estimado papae, Bondoso pae, Meu bom papae, Meu amado pae, Papae, etc.". Não quero que escrevam todos a mesma coisa. Eu vou escrever na segunda linha: — "Meu caro pae". Agora, cada um de vocês escreverá dum modo. Escrevam todos, mas, já disse, não quero todos os endereços eguaes. Leia, João.

A.— "Meu bom pae".
P.— Adeante, Milton.

A.— "Meu adorado papae".

P.— Muito bem! (Assim fará com outros alumnos e poderá mesmo escrever ao lado do modelo, os diversos modos de endereçar a carta, orientando as creanças.) Continúem a prestar muita attenção! Agora, na terceira linha, vae a saudação, o cumprimento. Ahi vocês poderão escrever:— "Saudações, Saúde, Saudades, Abraços, etc.". Eu vou escrever:— "Saudades". Cada um de vocês escreverá de um modo differente. Todos escrevam. Leia você, José.

A.— "Abraços".

P.— Está bem. (Fará outros alumnos lerem, irá ao quadro negro e escreverá ao lado do modelo os diversos modos de saudação.) Agora, vão, vocês escrever o assumpto, que todos já sabem, não é assim? Antes, porém, uma coisa ainda quero avisar. Quando se escreve uma carta ao pae, só se emprega: *"Senhor, lhe, seu, sua"*, e nunca *"você, vós, tu*, etc." Eu vou escrever o modelo no quandro negro, mas, vejam bem!— não quero que copiem egualmente. Vão-se guiando por elle, mas procurem mudal-o o mais possivel (O professor vae ao quadro e escreve uma nórma para modelo.) Agora, escrevam. (Depois que a classe acabar de escrever, fará diversos alumnos lêrem o que escreveram.) Muito bem! Estou contente, porque todos escreveram. O Luiz não mudou quasi nada, mas não faz mal; outra vez elle escreverá melhor, não é assim?

A.— E', sim, senhor.

P.— (Fiscalizará todos os trabalhos.) Então, Pedro, que é isso? Pensei que todos escreveram e você nada fez?

A.— Eu não sei escrever.

P.— Não se deve dizer nunca "não sei". Você parece estar com preguiça... Como seus collegas escreveram? Ninguem nasceu sabendo. Cada um faz o que póde. Si não sabe escrever differente, copie ao menos. Vamos!

(Ha alumnos que não conseguem escrever nada; nesse caso, deve-se obrigal-os a copiar, pois assim irão aprendendo.)

Que é isso, Renato? Você está escrevendo para seu tio? Eu quero que escreva a seu pae.

A.— Eu não tenho pae.

P.— Coitadinho! Mas, supponhamos que o seu papae ainda viva. Eu quero que você escreva ao papae. Muita attenção; estude bastante; você precisa ter muito juizo, ser muito bom, para ajudar logo a sua mamãe, não é assim?

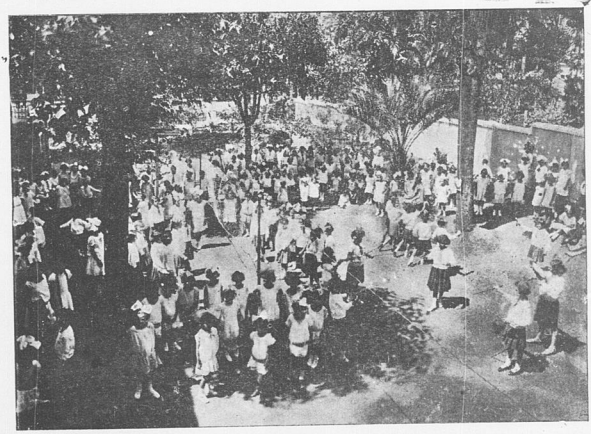
A.— E', sim, senhor.

P.— Bem. A carta está quasi prompta. Agora, depois do assumpto, não tendo mais nada para dizer, vocês irão terminal-a, e para isso terão que se despedir do papae. Depois da despedida, então, vocês escreverão seu nome, mas basta o primeiro nome. Para os paes, pessoas de casa e amigos, não se escreve o nome todo. De modo que o Luiz, por exemplo, poderá terminar assim:— "Abraços mil do filho que muito o estima, Lúlú". O João poderá escrever:— "Pede-lhe a benção o filho muito amigo, Joãozinho". O José escreverá:— "Saudades do filho que o quer muito, Juca". Eu vou escrever no modelo a despedida dum modo, e quero que vocês escrevam differentemente. (O professor poderá escrever ao lado do modelo as diversas maneiras de fechar uma carta. Fará depois alguns alumnos lêrem o que escreveram.) Muito bem! A carta está prompta. Quem quer lêl-a?

A.— Eu, eu, eu.

P.— (Fará diversos alumnos lerem a carta que terminaram, corrigindo-os, auxiliando-os, etc.) Na proxima aula passaremos a limpo a primeira cartinha que vocês escreveram. Querem?

A.— Sim, senhor; queremos.



Grupo Escolar «Affonso Penna» — Alumnos em recreio

Como se faz um test de linguagem

(Ensino e experiencia feitos por ordem do sr. Director Geral de Instrucção Publica, dr. A. Carneiro Leão, nas Escolas publicas do Districto Federal.

Relatorio apresentado a s. exc. pelo docente de Psychologia da Escola Normal Dr. Mauricio Campos de Medeiros).

Em começo do anno lectivo de 1924 o Director Geral de Instrucção Municipal, tendo incluido no programma das escolas primarias a verificação do aproveitamento dos alumnos por meio de *tests*, nomeou uma commissão composta de alumnas, professoras do ensino primario, do inspector escolar Dr. Paulo Maranhão, do professor Manoel Bomfim e de quem escreve estas linhas para estudarem a parte de applicação pratica da medida.

Depois de varias reuniões, chegou-se a organizar um programma de acção que consistia em fazer desde logo por intermedio das professoras do magisterio primario uma larga experiencia nas escolas de modo a estabelecerem-se os primeiros padrões para cada modalidade de *test*.

Feita uma divisão das que se inscreveram para esse trabalho, um grupo trabalhou sob a direcção do dr. Bomfim e outro sob a minha direcção, tendo as professoras que frequentam essas conferencias revelado uma rapida comprehensão do assumpto, entregando-se ás pesquisas indicadas com um zelo acima de qualquer elogio (*).

Julgo que seria interessante divulgar desde já os resultados dos trabalhos da turma que me foi confiada e que versaram exclusivamente sobre LINGUAGEM.

O vocabulo *test*, que significa *prova*, está correndo o mundo inteiro em adaptação ás varias linguas, acceito como um vocabulo de conceito internacional para indicar uma prova experimental, simplificada, uniforme, de facil apreciação e permittindo um julgamento invariavel.

(*) Inscreveram-se para esses trabalhos as seguintes sras. professoras: Dorvelina Barbosa Kanl—Leopoldina Barbosa Guimarães—Laura Joppert de Mello—Alba C. do Nascimento—Isabel da Costa Pereira Nunes—Maria Eugenia Alvarenga Costa—Anna Flora Verissimo—Augusta Paes de Andrade—Leonor Posada—Isabel C. Barroso—Gertrúdes Pires Gomes—Argentina Bevilacqua—Julia da Silva Costa—Maria de Lourdes Vargas da Silva—Esther de Moura—Carolina da Silva Carvalho—Eulina de Nazareth—Maria José Xaltron Gaze—Floripes Anglada Lucas—Jandyra Pereira—Arminda Isabel Marques—Adelia de Godoy—Arthobella Frederico—Maria Lindengerg Rocha—(turma que ficou com o dr. dr. Manoel Bomfim).

Sizinia Queiroz do Nascimento—Isaltina de Magalhães Vieira—Carmen Pires—Helena Jordão Reis—Honorina Senna de O. Gomes—Lavinia de Oliveira Doria—Maria Luiza Affonso—Maria Janin Deschamps—Amelia Rosa Ferreira—Edelvira Rodrigues de Moraes—Camilla Neves de Medeiros—Albertina Caldas—Nicola Cortatt Frossard—Sarah Guimarães Regadas—Maria do Carmo da Silva Freitas—Ambrosina Rodrigues Pereira—Aida Rodrigues—Domitilla Lemos Nunes—Alice Demillecamps—Laura Abrantes Pinto—Maria Isabel Duarte Moreira—Maria Vidigal Pereira de Moraes—Nair Pires Ferreira—Luiza Lavolly—Odonsinda Legey Alves—Orlandina Luddol—Lucinda Bautista Figueira (turma que ficou sob a direcção do dr. Mauricio de Medeiros).

Ha *tests* de psychologia nos seus varios aspectos (attenção—memoria—intelligencia), como ha *tests* de pedagogia, isto é, do aproveitamento pedagogico.

A organização de um *test* é um trabalho de grande delicadeza, demandando especiaes cuidados. São os que aqui pretendo recordar, para mostrar a sequencia que tomaram os nossos trabalhos.

Ha *tests* oraes e *tests* escriptos. Para um trabalho de ordem pedagogica que exige a felicidade de confronto: são melhores os *tests* escriptos. Quando se fala de um *test* escripto quer-se dizer: um *test* de perguntas escriptas. Mas as respostas não devem ser tal que possam ser dadas com um traço, um numero, uma cruz. Porque?

Porque destinando-se os *tests* a um julgamento uniforme e consequentemente comparativo dentro de uma mesma unidade de tempo, convem que não se ajuntem causas de demora por motivos outros que não a ignorancia do assumpto da pergunta. A escripta por extenso faz intervir um novo factor: a rapidez com que o alumno escreve, as suas hesitações quanto á ortographia, seu estado emotivo inhibitorio mais duradouro se o trabalho se accresce da escripta. Assim, pois, um alumno póde conhecer perfeitamente o assumpto de *test* mas não completar as respostas dentro do tempo marcado por causa exclusivamente desses factores complementares que a resposta escripta faz nascer.

Outro cuidado a ter-se quando se faz uma verificação de conhecimento por meio de *tests* é o de que a turma sobre a qual se vae ensaiar já tenha pratica desse genero de trabalhos, para que a emoção da novidade não constitua um motivo de retardamento na confecção da resposta do *test* julgador. Por isso, eu aconselharia ás eras. professoras que, antes de fornecerem o *test* padrão official, fizessem exercicios analogos com *tests* creados por ellas proprias.

Não se póde chegar a julgar de uma turma por meio de um *test* se este não se adapta exactamente ao grão de cultura dos alumnos. Nisto é que está a maior difficuldade da applicação pratica dos *tests* ás nossas escolas, porque, emquanto não tivermos obtido nara cada matéria e para cada grão de seu ensino nu grupo de *tests* padrões, tudo quanto se fizer será mero recreio intellectual sem nenhuma utilidade de ordem pratica.

Por isso mesmo é que na turma de professoras que commigo trabalhou procurei orientar os trabalhos com o objectivo de estabelecer esse primeiro grupo de *tests* padrões numa só das materias: a *linguagem*. Não creio que possa melhor explicar as phases de um trabalho dessa ordem senão narrando como trabalhamos nós proprios no assumpto.

O primeiro cuidado foi o de tomar por base o programa de ensino das escolas publicas, seguindo a evolução que ahi soffre o ensino da linguagem atravez os sete annos de curso.

Evidentemente póde ser-me feita uma accusação: a de que os *tests* se destinam em uma de suas multiplas applicações a verificar da boa ou má organização dos programmas, e que, portanto, andei errado partindo do programma para o *test*. A primeira necessidade que tem de fazer alguma cousa pela primeira vez num dado meio é a de decidir a cortar ao meio um circulo vicioso. E' a velha historia do ovo e da gallinha. Ha de se começar por alguma cousa. No caso dos *tests*, o começo deve ser o programma adoptado, porque elle obedece a preceitos tradicionaes na verificação da seriação a dar-se ás disciplinas. Póde ser que esteja errado em muita cousa. Mas nada impede que sirva de base aos primeiros ensaios, até que se possuam *tests* em numero de experimentações sufficientes para que se possa então corrigir os defeitos de programma, se os houver.

Assim, pois, tomei do programma de linguagem, ficando deliberado afastar os dous primeiros annos, porque nelle a maioria dos alumnos ainda aprende a lêr, ou pelo menos lê ainda mal e lentamente, o que difficultaria o uso de *tests* escriptos.

Do terceiro anno em deante destaquei as seguintes questões que se prestavam melhor á confecção de *tests*:

LINGUAGEM

3.º anno

Tempos de verbo — presente, passado e futuro.
Pronomes pessoaes.
Concordancia.

4º anno

Exercicios orthographicos (certo e errado).
Synonymos e antonymos.
Analyse grammatical.
Verbos.
Verbos auxiliares.
Pontuação.
Sujeito e predicado.

5º anno

Analyse gr. e logica.
Verbos reg. e irreg.
Associação de idéas (vocabulario).
Pontuação.

6º anno

Leitura silenciosa.
Phrases desorganizadas.
Commentarios.
Prefixos e suffixos.
Analyse.

7º anno

Leitura silenciosa.
Completar phrases.
Phrases desorganizadas.
Verbos irregulares.

Isto posto, já tinhamos alguma cousa. Estavamos na situação de quem quizesse viajar e possuisse um itinerario.

Para confeccionar um *test* é necessario conhecer muito bem o grão de ensino na turma respectiva. Para isso é mistér consultar os livros didacticos de que se utilisa a turma, consultar os professores que a ensinam e ainda submetter á experimentação o primeiro *test* que se tiver organizado de accordo com esses dados. Essa experimentação tem de ser feita com dous fins:

a) — verificar como os alumnos respondem, isto é, verificar a média dos erros ou acertos.

b) — determinar o tempo maximo a conceder para a boa resposta.

Para um e outro fim é necessario que, feita uma primeira serie de experiencias que permittam determinar a média e o tempo, generalize-se então o ensaio ao maior numero de crianças possivel do mesmo grão de cultura. Só assim ter-se-á chegado a estabelecer um padrão. Muitas vezes verificamos em nossos trabalhos que a média de respostas certas era baixa para certo *test*. Era signal que havia difficuldades excessivas. Supprimiam-se essas difficuldades e a média immediatamente melhorava.

Para determinação da média de acertos adoptei, de accordo com o Dr. Bomfim, o methodo indicado por PRESSEY (Introduction to the use of standard tests — S. Pressey and Luellie Cole Pressey) por parecer o mais simples.

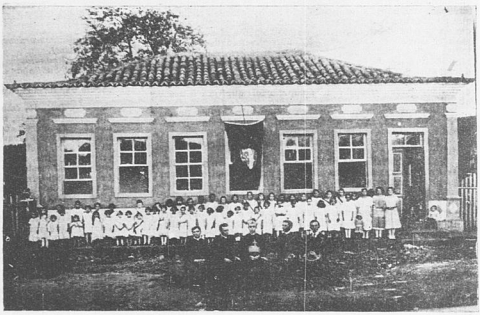
Nessa questão de médias o essencial é adoptar um só methodo uniforme para permittir a comparação. Alguns autores perdem-se em cogitações de profunda mathematica sobre esse assumpto. Creio que ellas são totalmente inuteis e que o ideal para a administração do ensino é adoptar um methodo que torne o uso dos *tests* o mais simples e o menos trabalhoso possivel.

Segundo o methodo por nós usado, organiza-se um quadro no qual se prevêm todas as respostas possiveis, desde zero até á totalidade das perguntas. A' medida que se examina cada *test* de cada alumno, inscreve-se nesse quadro o numero de respostas certas desse alumno, collocando um risco na linha correspondente a esse numero. E', como se vê, um processo rapido: basta um traço e passa-se a outro alumno.

Chegando ao fim, contam-se os traços correspondentes a cada numero de respostas certas e escreve-se esse pequeno total numa columna.

A somma desses pequenos totaes deve corresponder ao numero de alumnos examinados. Considera-se como média da turma o numero de respostas certas que corresponda ao alumno mediano, considerando-se como alumno mediano aquelle que estiver exactamente na metade do numero de alumnos, contando-se ou de cima para baixo na columna os pequenos totaes ou de baixo para cima.

Supponhamos, para melhor comprehensão do assumpto, que, numa turma de 33 alumnos, fizemos um *test* que comportava um total de 20 respostas. Feita a apuração no respectivo quadro, encontrou-se o seguinte resultado:



Escola da Villa de Tiros

20		
19		
18	//	2
17	/	1
16	//	2
15	//	2
14	/	1
13	/	1
12	/	1
11	/	1
10	/	1
9	/	1
8	//	2
7	/////	5
6	///	3
5	/	1
4	/	1
3	/	1
2	///	3
1	//	2
0	//	2
Media da turma 7		33

O exame desse quadro mostra o seguinte: Dos 33 alumnos examinados, 2 nada responderam, 2 deram resposta certa, 1 deu duas respostas, tres deram uma resposta e assim successivamente. Ora, a metade de 33 é 16 1/2, isto é, o alumno mediano será o numero 17, quer se conte crescendo, quer diminuindo, e esse 17º alumno está no grupo de cinco alumnos que deram 7 respostas certas, logo a média da turma é de 7. O quadro acima figura uma hypothese rara, porque

quando um *test* é feito apropriadamente ha evidentemente differenças, mas não tão grandes como na hypothese acima, em que ha alumnos que nada responderam e alumnos que responderam quasi tudo. Elle foi imaginado sómente com o fim de mostrar como mesmo quando ha tanta diversidade de resultados, pode-se determinar um numero para servir de média, segundo o methodo Pressey. Elle me pareceu o mais simples de quantos propostos. E praticamente deu excellentes resultados: foi rapidamente aprehendido pelas professoras, e sendo uniforme, póde permittir a comparação, que era o nosso objectivo.

Vejamos agora quaes os *tests* empregados. Elles devem ser repetidos este anno em larga escala para obtermos os resultados definitivos sobre seus valores como padrões.

Para cada *test* ha um tempo fixado e a média obtida. E' inutil reproduzir o quadro com os resultados.

Aconselhariamos ás professoras que antes de submetter estes *tests* ao exame de suas classes, façam primeiro alguns pequenos exercicios com *tests* organizados tomando estes como modelo. Nessas experiencias preliminares não ha grande importancia que os *tests* que as professoras organizem sejam mais difficeis ou mais faceis, visto como o seu objectivo é sómente o de habituar os alumnos a esse genero de trabalho. Quando estiverem treinados, então submettam-n'os ao *test* respectivo, aqui proposto.

Em qualquer dessas experiencias não façam as crianças escrever o *test* que ellas mesmas terão de responder. *Na impossibilidade de ter quem os escreva a machina, podem fazer com que os alumnos de umas turmas escrevam com boa calligraphia para os das outras.*

Os *tests* a serem fornecidos para as experiencias officiaes devem, a meu ver, ser impressos, em typos bem legiveis.

Numa e noutra hypothese devem elles constituir volantes, que a professora deve distribuir depois de ter dado todas as explicações a respeito. O melhor é deixar os alumnos em seus logares e fazer a distribuição *in loco*, com a recommendação de que manter o volante voltado de modo a que não comecem a ler senão quando todos estiverem com o material necessario. Nesse momento então a professora, marcando no relogio a hora, dá o signal de inicio. Exgottado o tempo que tiver sido marcado a professora dá novo signal para a conclusão do trabalho. O melhor meio de fiscalizar o inicio e o fim, para que todos comecem e acabem ao mesmo tempo, é ordenar á medida que se vae distribuindo cada volante que os alumnos mantenham o braço para o ar até o signal do inicio, e o suspenda assim que fôr dado o signal de conclusão.

Os *tests* abaixo representam experiencias em pequena escala. Sómente o resultado das experiencias em grande escala é que poderá orientar a commissão sobre as modificações a introduzir nelles.

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: *concordancia de verbo e sujeito.*
Tempo: *2 minutos.*
Resposta: *Sublinhar a palavra certo ou errado segundo haja ou não concordancia na phrase respectiva.*

Nós brincamos	certo errado
tu diz	certo errado
ellas estuda	certo errado
eu rasgo	certo errado
nós escreve	certo errado
vós disseste	certo errado
tu mandaste	certo errado
nós foi	certo errado
elles faz	certo errado
você trabalha	certo errado
ellas tem	certo errado
vós soubeste	certo errado
vocês grita	certo errado
tu obedeceste	certo errado
nós falará	certo errado
ellas andará	certo errado
ellas vestem	certo errado
nós dormiu	certo errado
tu quebra	certo errado
ellas erra	certo errado

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: *concordancia de verbo e sujeito (emprego de pronomes pessoaes).*
Tempo: *2 minutos :*
Resposta: *Sublinhar o verbo que concorda com o pronome proposto).*
Média das turmas experimentadas: 15.

eu	(estudo, estudamos, estuda, estudam)
elle	(brincaste, brincaram, brincou, brinquei)
nós	(comerei, comerá, comerão, comeremos)
elles	(lavas, lavam, lave, lava)
tu	(ii, lemos, leste, lemos)
nós	(saltei, saltou, saltamos, saltaram)
eu	(disseste, disse, disseram, dissemos)
tu	(falo, falamos, falas, fala)
vós	(andei, andaste, andastes, andou)
elles	(correram, correste, corri, correu)
elle	(bebo, bebe, bebemos, bebeis)
tu	(pintamos, pintaste, pintou, pintei)
eu	(choras, choro, choramos, chora)
nós	(dormi, dormiste, dormimos, dormiu)
elle	(dançará, dançarás, dançaremos, dançarão).
vós	(jogastes, joguei, jogamos, jogou)
tu	(passeio, passeia, passeias, passeiamos)
elles	(dizem, diremos, dizeis, diz)
eu	(juraste, juroi, jurei, juramos)
nós	(sabem, sabeis, sabe, sabemos)

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: *concordancia de verbo e sujeito (emprego de pronomes pessoaes).*
Tempo *2 minutos.*
Resposta: *sublinhar o pronome que convem ao verbo proposto.*
Média das turmas experimentadas: 14.

ensinei	(tu, elle, eu, nós)
brincaste	(vós, tu, eu, nós)
levam	(eu, nós, elles, ellas)
comereis	(elles, tu, nós, vós)
cantava	(nós, ella, vós, tu)
lemos	(tu, nós, vós, elle)
ireis	(vós, ellas, eu, elle)
estudou	(elles, elle, tu, eu)
estimo	(eu, vós, ella, tu)
correram	(vós, nós, elles, eu)
dormes	(ella, tu, nós, vós)
faltamos	(nós, tu, eu, elle)
faz	(vós, elle, nós, tu)
quizestes	(elles, vós, eu, nós)
teremos	(ella, eu, vós, nós)
cahiram	(eu, tu, elles, nós)
chorou	(vós, eu, tu, ella)
passeio	(nós, eu, tu, elles)
partireis	(vós, elles, ellas eu)
escreverás	(nós, tu, elles, vós)

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: *Tempos de verbo.*
Tempo: *2 minutos.*
Resposta: *sublinhar o verbo que corresponde ao termo indicado.*
Média das turmas experimentadas: 16.

Futuro	(estudo, estudadarei, estude)
Presente	(brincou, brinca, brincará)
Passado	(correste, corres, correrás)
Presente	(leu, lera, lê)
Futuro	(sei, saberei, soubes)
Passado	(estivemos, estamos, estarmos)
Presente	(escrevereis, escreveis, escrevestes)
Futuro	(dizes, disseste, dirás)

Presente	(lavara, lava, lavou)
Passado	(beberam, bebem, beberão)
Futuro	(almocei, almoço, almocarei)
Passado	(trabalhaes, trabalhastes, trabalhareis)
Presente	(falou, fala, falará)
Futuro	(ganharei, ganho, ganhei)
Passado	(viveram, viverão, vivem)
Presente	(partiu, partirá, parte)
Passado	(dividiste, divides, dividirás)
Futuro	(brigou, briga, brigará)
Presente	(desenhareis, desenhastes, desenhas)
Futuro	(posso, poderei, pude)

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: *adjectivos qualificativos.*
Tempo: *2 minutos.*
Resposta: *sublinhar os adjectivos qualificativos.*
Média das turmas experimentadas: 17.

Esta escola é muito bôa; tem salas espaçosas, claras, arejadas e grande pateo para recreio.

Que bella rosa! tão cheirosa e de côr tão linda! colhi-a agora mesmo e vou offerecel-a á minha querida mãezinha.

Friburgo tem clima excellente. Estas creanças para alli foram doentes, pallidas, magrinhas, e voltaram fortes e coradas.

Nesta classe ha meninos estudiosos; mas ha outros... tão vadios...

Laura ganhou um vestido novo e bonito e agora não quer vestir outro. Como é vaidosa!

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: *exercicios orthographicos.*
Tempo: *1 minuto.*
Resposta: *sublinhar os erros de orthographia.*
Média das turmas experimentadas: 7.

Uma bassia de louça, secenta pires e des pratos, foi tudo que maria encontrou no quarto que ficava por sima do seu.

Ella era medrosa e não commia, porque estava sosinha; mas acim que a jente veio, ela quis jantar e tambem quis dormir.

Test de linguagem

4º ANNO

Assumpto: *antonymos.*
Tempo: *2 minutos.*
Resposta: *Sublinhar entre as quatro palavras ao lado a que for antonymo das palavras da primeira columna.*

Test:

1—AMOR—desprezo—amizade—odio—affeição.
2—CREDOR—inquilino—pagador—devedor—proprietario.
3—SYMPATHIA—amizade—dedicação—odio—antipathia.
4—PAZ—barulho—combate—guerra—batalha.
5—RECEITA—economia—dinheiro—despeza—medico.
6—VIRTUDE—vicio—preguiça—jogo—maldade.
7—ALEGRIA—barulho—calma—tristeza—socego.
8—VERDADE—falsidade—mentira—maldade—certeza.
9—PRINCIPIO—meio—fim—parte—pedaço.
10—LUZ—noite—treva—escuridão—silencio.
11—ULTIMO—final—affastado—distante—primeiro.
12—RISONHO—alegre—chorão—serio—calado.
13—AZEDO—assucarado—doce—amargo—gostoso.
14—VERDADEIRO—falso—injusto—desleal.
15—MAXIMO—pequeno—minimo—menor—ultimo.
16—SEVERO—benevolente—audaz—bom—justo.
17—INTERNO—fóra—externo—dentro—saliente.
18—CONCAVO—convexo—curso—liso—redondo.
19—OPULENTO—rico—avaro—pobre—miseravel.
20—JOVIAL—tristeza—quieto—socegado—tranquillo.

Test de linguagem

4º ANNO

Assumpto: *synonymos.*
Tempo: *2 minutos.*
Resposta: *Sublinhar nas palavras que estão entre parentheses a que seja synonymo da da primeira columna.*
Média das turmas experimentadas: 15.

Tests:

DISTANTE—(longe—tarde—mal—cedo)
RISO—(delgado—triste—valente—cheio)
FIDALGO—(vaidade—juizo—bondade—cançaço)
BARULHO—(ordem—ruido—trabalho—silencio)
CORRIGIR—(prender—prever—emendar—segurar)
SOFFRER—(ordenar—gritar—padecer—ralhar)
AMPLO—(pesado—vasto—frio—pequeno)
ENTRE—(porta—machina—ser—livro)
BRANCO—(alvo—escuro—verde—azul)
CAMARADA—(rico—companheiro—animal—professora)
SOBERBO—(feio—bondoso—orgulhoso—humilde)
ESTIGADO—(baixo—teso—torto—leve)
ALEGRIA—(amizade—confiança—jubilo—tristesa)
CONDEMNAR—(estimar—reclamar—reprovar—temer)
CONTENTAR—(cobrir—jogar—ralhar—satisfazer)
ROGAR—(applaudir—arranjar—supplicar—apreciar)
ACTIVO—(vagaroso—ardiloso—diligente—zangado)
SUPPLICIO—(ensino—tortura—dever—desordem)
DISCUSSÃO—(obrigação—direcção—alteração—bravura)
DIARIO—(nocturno—quotidiano—annual—mensal)

Test de Linguagem

4º ANNO

Assumpto: *vocabulario.*
Tempo: *1 minuto*
Resposta: *sublinhar entre os substantivos de cada linha qual a que convem ao collectivo da primeira columna.*
Média das turmas experimentadas: 10.

Test:

Alcatéa—de—gatos, selvagens, lobos.
Bando—de—sardinhas, aves, tigres.
Cambada—de—crianças, chaves, sapos.
Cardume—de—borboletas, patos, peixes.
Caravana—de—andorinhas, carneiros, viajantes.
Cafila—de—malandros, camelos, ladrões,
Cahilda—de—malfeitores, ciganos, soldados.
Chusma—de—moscas, gente, criada.
Enxame—de—marrecos, homens, abelhas.
Lote—de—alumnos, pessoas, objectos.
Manada—de—cavallos, bois, burros.
Matilha—de—vadios, peraltas, cães.
Nuvem—de—pó, animaes, salteadores.
Rebanho—de—leões, elephantes, ovelhas.
Resta—de—uvas, bananas, cebolas.
Vara—de—cabras, porcos, jumentos.

Test de Linguagem

4º ANNO

Assumpto: *pontuação.*
Tempo: *1 minuto.*
Resposta: *collocar a pontuação devida.*
Média das turmas experimentadas: 12.

Test:

O Sol é a fonte da luz do calor da energia do movimento e da vida.

Logo que o sol desponta alegra-se a natureza.

Uma criança que salta que ri que brinca é uma risonha aurora.

Escutae caros meninos as palavrss da vossa professora.

As estrellas que julgamos tão pequenas são maiores que o sol.

Mario o melhor alumno da classe faltou ao exame por estar enfermo.

Test de Linguagem

4º ANNO

Assumpo: *pontuação.*
Tempo: *1 minuto.*
Resposta: *collocar a pontuação devida.*
Média das turmas experimentadas: 10.

Test:

Hontem papae eu ouvi um senhor em um discurso falar naquelles que muito amam a Patria.
Pois ha alguem que ame a Patria mais que outros.
Sim Julio O ladrão o assassino aquelles que se lançam no opprobio e que por isso chamem o dezprezo sobre sua pessoa e origem estes amam a Patria
Amam a Patria Julio aquelles que provam este amor procurando elevar-se ou sacrificando-se por ella

Test de Linguagem

4º ANNO

Assumpto: *sujeito e prèdicado.*
Tempo: *2 minutos.*
Resposta: *assignalar o sujeito.*
Média das turmas experimentadas: 11.
Test:
Elle foi passear
As creanças brincam no recreio
Pedro ensinou a Paulo
Tua irmã é habilidosa
Bellas avenidas tem o Rio
Você é uma boa collega
Ás duas horas partiram os viajantes
Botafogo é um lindo arrabalde
Estes meninos dão bons exemplos
Pernambuco exporta muito assucar
A população do Brasil augmenta semre
E' bem illuminada esta cidade
Nesta escola trabalham todos com gosto
O oceano Atlantico banha o Brasil
Tu não deves ser orgulhosa
As filhas desta senhora são caridosas
E' o café a nossa principal riqueza
Muita borracha tem o Amazonas
A flora deste paiz maravilha os extrangeiros
O governo republicano começou, aqui, em 1889.

Test de linguagem

5º ANNO

Assumpto: *analyse grammatical.*
Tempo: *2 minutos.*
Resposta: *sublinhar a palavra regular ou irregular segundo convenha ao verbo proposto.*
Média das turmas experimentadas: 17.

Test:

contar	regular	irregular
poder	regular	irregular
fazer	regular	irregular
esconder	regular	irregular
dar	regular	irregular
ir	regular	irregular
trazer	regular	irregular
dizer	regular	irregular
estimar	regular	irregular
vir	regular	irregular
estar	regular	irregular
querer	regular	irregular
dividir	regular	irregular
vêr	regular	irregular
pôr	regular	irregular
mandar	regular	irregular
saber	rehular	irregular
subir	regular	irregular
chorar	regular	irregular
caber	regular	irregular

Test de linguagem

5º ANNO

Assumpo: *analyse logica.*
Tempo: *2 minutos.*
Resposta: *dividir os periodos compostos nas suas respectivas orações.*
Média das turmas experimentadas: 14.

Test:

Paulo correu no jardim e cahiu. Hontem fomos ao Corcovado. Recommendei a teu irmão, que não faltasse hoje á escola. Age sempre com prudencia; não uzes nunca da violencia. Aquella criança deu um esmola ao pobre. Amai-vos uns aos outros. Não faças a outrem o que não queres que te façam. Procura os bons, foge dos máos. Os tios e primos de Helena partiram para Minas. Os animaes sentem, vivem e morrem.

Test de linguagem

5º ANNO

Assumpto: *analyse grammatical.*
Tempo: *3 minutos.*
Resposta: *sublinhar os verbos irregulares.*
Média das turmas experimentadas: 12.
Test:
Digo a verdade; faço o que devo
Ella escreveu bem e não leu mal
Não venhas amanhã á escola
Eu entrava quando elle partiu
Quizera viver sempre aqui
Recebi uma carta do extrangeiro
Si eu vir tua mãe, darei o recado
Trabalha quando moço, terás descanço na velhice
Quando soube do caso, já era tarde
Aquelle estudante tirou um premio
Vamos á escola diariamente
O mestre censurou teu procedimento
Trouxemos tudo que pediste
Elles erram quando fallam
Estivemos sempre a teu lado
No campo respiramos ar puro
Não percas a esperança de vencer
Estas crianças estudam com gosto
Ouve sempre os bons conselhos
Não gosto de faltar ás aulas.

Test de linguagem

5º ANNO

Assumpto: *pontuação.*
Tempo: *3 minutos.*
Resposta: *collocar nos devidos logares os signaes da pontuação conveniente.*
Média das turmas experimentadas: 16.
Oh que bello livro Onde o compraste
Disse-lhe a mestra estuda minha filha que terás a recompensa
Maria leva o chapéo os livros os lapis os cadernos e a merenda de Alfredo
Trouxeste laranjas Não trouxe lindos pecegos do Rio Grande
Este menino brinca corre grita salta pula o dia inteiro Como é travesso
Quem te disse minha amiga que eu gostava de fructas

Test de linguagem

6º ANNO

Assumpto: *pontuação.*
Tempo: *2 minutos.*
Resposta: *collocar nos devidos logares os signaes da pontuação conveniente.*
Média das turmas experimentadas. 8

Test:

Ah se me fosse possivel levar-te commigo Laura
Ouve este conselho não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje
Não exclamou o pae não quero que andem em tal companhia
Helena queres ir ao jardim colher rosas cravos violetas dahlias e jasmins Vae minha filha e volta depressa
Que bellas vistas Serão todas da cidade do Rio
Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro tambem era o pae do bezerro

Test de linguagem

6º ANNO

Assumpto: *grammatica—significado de palavras homophonas.*
Tempo: *3 minutos.*
Resposta: *collocar no parenthesis vasio o numero do significado que corresponda á palavra.*
Media das turmas experimentadas:

Test:

(1) Dar a fórma de annel	( ) accender
(2) desejar com anciedade	( ) ascender
(3) pôr fogo	( ) anhelar
(4) subir, elevar-se	( ) anelar
(5) perseguir, apanhar animaes	( ) apreçar
(6) tornar nulla uma sentença	( ) apressar
(7) dar pressa	( ) cassar
(8) ajustar o preço	( ) caçar
(9) perder a vista	( ) coser
(10) ceifar, cortar	( ) cozer
(11) preparar ao lume	( ) cegar
(12) unir por meio de pontos	( ) segar
(13) ter apparencia	( ) annular
(14) estabelecer parentesco	( ) anular
(15) tornar nullo	( ) apparentar
(16) semelhante a annel	( ) aparentar
(17) fechar	( ) expiar
(18) separar, cortar com a serra	( ) espiar
(19) espreitar	( ) serrar
(20) remir culpa ou crime por meio de castigo	( ) cerrar

TEST DE LINGUAGEM

6º ANNO

Assumpto: *leitura silenciosa.*
Tempo para a leitura: *3 minutos.*
Tempo para a resolução do test: *1 minuto.*
Resposta: *Depois de terem lido silenciosamente (ler só com os olhos) as quadras propostas, responder as perguntas do test sublinhando as respostas que convêm.*

(A distribuição póde ser feita ao mesmo tempo dos dous volantes: o que contém as quadras e o que contém as perguntas, desde que sejam numerados e os alumnos sejam prohibidos de abrir o volante das perguntas emquanto não tiverem fechado o primeiro. Outro meio—este mais commodo—é o de ter na ausencia dos alumnos, escripto o texto a ler no quadro negro, mantendo-o voltado. Quando todos os alumnos tiverem tido a explicação do assumpto do *test*—virar o quadro negro e deixal-o exposto durante os tres minutos (ou mais conforme o texto). Occultar em seguida o texto, distribuir as perguntas com os cuidados e recommendações necessarias para que a sua leitura só se faça á vóz de commando e dar para a sua resposta o tempo que fôr estimado e necessario. No texto proposto abaixo bastou 1 minuto.)

Média das turmas experimentadas: 8.

O texto a ler:

1º	2º
A um cavallo pouco amavel Certo burro acompanhava; O cavallo ao costado Sómente arreios levava.	Ao peso de rude carga Quasi o burro succumbia E, entre arquejos, ao cavallo Algum auxilio pedia.

3º	5º
...Não é descortez meu rogo (Dizia ao seu companheiro) Metade de minha carga Ser-vos-á farto ligeiro.	Seguia o corcel, fazendo Ouvidos de mercador; Té que viu morrer o burro Sob o peso esmagador.
4º	6º
Temo esticar a canella Antes que chegue á cidade De finar-me arrebentado Livrae-me, por piedade".	Arrependeu-se, já tarde; Do recusado conforto, Pois o colmaram da carga E mais da pelle do morto.

As perguntas:

Qual dos dous animaes ia mais carregado? — O cavallo — o burro.

Qual dos dous pediu auxilio? — O cavallo — o burro.

Porque pediu auxilio? — Ia muito carregado — pouco carregado.

Que temia o burro? — Demorar-se no caminho — morrer — cançar-se.

Como respondeu o cavallo? — Presiou auxilio — recusou.

Chegou o burro á cidade? — Sim — não.

Quando se arrependeu o cavallo? — Tarde — cedo.

Que lhe aconteceu? — Sua carga diminuiu — augmentou.

Que se conclue dahi? — Não é por muito madrugar que se acorda mais cedo: — devem todos no mundo mutuamente auxiliar-se; sente prazer dobrado quem logra o logrador.

TEST DE LINGUAGEM

6º E 7º ANNOS

Assumpto: *associação de idéas*
Tempo: *3 minutos.*
Instrucções: — As experiencias de associação de idéas servem para que se conheça o vocabulario dos alumnos. Ellas podem ser feitas com qualquer anno — a partir do 3º anno — e na verdade deveriam ser systematicamente feitas antes que se organizasse os demais *tests* para saber-se exactamente com que especie de vocabulario se póde contar nos alumnos daquelle anno para o qual se prepara o *test*. No anno passado as nossas experiencias foram feitas sómente com o setimo anno em duas escolas (Escola de Applicação e Escola Joaquim Nabuco).

Essas experiencias consistem no seguinte. Distribuem-se pedaços de papel em branco e lapis aos alumnos. Explica-se-lhes que elles tem de escrever em um tempo certo — tres minutos, por exemplo—o maior numero de palavras possivel, tendo cada qual della um ponto de semelhança com a immediatamente anterior. Dá-se-lhes um exemplo e faz-se verbalmente uma associação rapida, como por exemplo: cebola—cozinha — carne — açougue — boi — chifre — pente — toilette — etc., etc.

São associações essas que os psychologos chamam do typo linear. Isto feito, dá-se aos alumnos uma palavra inicial e os alumnos começam a escrever. Quando tiverem escoado os 3 minutos bate-se palmas, e todos os alumnos devem immediatamente levantar os braços para o ar.

Recolhem-se os papeis e faz-se o estudo das associações.

A titulo de curiosidade aqui juntamos alguns resultados obtidos nas escolas supra mencionadas.

ESCOLA JOAQUIM NABUCO

7º ANNO

Isabel do Prado

ESCOLA:—livros—professor—pulpito—campainha—portão—casa—rua—bonde—automovel—passeio—matto — morros —natureza—paysagem—quadro—pintor — arte — esculptura — exposição—galerias—Avenida—transeuntes—modas—costureira—tesoura—agulha—linha—dedal—mão—braço—tombo—casca de banana—arvore—raiz—tronco—folhas—livro — conto — autor—romance—aventura—fuga trem—vapor—mar — ondas —praia—porto—cidade—capital— paiz — ilha — continente —

mundo — globo terrestre—terremoto—vulcão—fogo — lavas — ruinas—Pompeia—romanos - gregos—povos antigos - Troya — Cesar—Marco Aurelio.

ESCOLA JOAQUIM NABUCO

6º ANNO

Lourdes Lowandes

VIAGEM:—trem—fumaça - fogo—calor— chamma — incendio—bombeiro—carroça—burro—arreio—couro—boi— chifre—copo—cinho—uca—arvore—lenha—folha—terra — café — chicara—mesa—casa—illuminação—bonde—automovel— assistencia—doente—morte—caixão—defunto—mortalha—cemiterio —corpo—braço—pulseira—relogio—horas—tempo— corrida — cavallo—ferradura—ferro—ferrolho — chave—armario—livro— escola—collega — campo — passeio— distracção — folguedo — jogos.

ESCOLA JOAQUIM NABUCO

6º ANNO

Marilia da Silva

VIAGEM :— passageiro, Africa, preto, homem, roupa alfaiate, fita, botão, roupa, agulha, ferro, aço, brilhante, madreperola, marmore, cemiterio, sepultura, enterro, defunto, caixão, terra, flores, arvore, fructo, vendedor, comprador, salada, prato, comida, cozinha, fogo, lenha, cinza, carvão, carroça, carvoeiro, mina, dono, filho, escola, tinta, professora, campo, jogo, jogadores, archibancada, assistencia, passeio, vestido, calçada, bonde.

ESCOLA JOAQUIM NABUCO

6º ANNO

Marcello Russo

VIAGEM : — mar, navio, homem, exercito, guerra, ferido, soccorro, assistencia, automovel, bonde, Light, electricidade, machina, trem, vapor d'agua, trilho, passageiro, fogo, incendio, casa, moveis, louça, barro, pedreiro, tijolos, telhas, madeira, arvore, flor, fructo, bocca, barriga, pernas, braços, doces, confeitaria, padaria, pão, farinha, Argentina, massa, ovo, gallinha.

ESCOLA DE APPLICAÇÃO

Menino Nestor C. Coutômb

BELLEZA: — rosto, pelle, queimadura, fogo, incendio, agua, mar, navio, naufragio, morte, enterro, cemiterio, flor, festa, casamento, noivo, automovel, atropelamento, pharmacia, remedio, vidro, fabrica, operario, desastre, grito, bocca, dente, marfim, piano, musica, theatro, luz, sol, astro, astronomia, telescopio, lente, physica, estudo, escola, livro, papel, embrulho, barbante, corda, suicidio, missa, padre, agua.

ESCOLA DE APPLICAÇÃO

Menina Dylce dos Santos

BELLEZA: — moça, vestido, enfeite, flor, casamento, juiz, padre, automovel, igreja, sermão, altar, missa, choro, pesames, morte, caixão, enterro, sepultura, cemiterio, terra, enxada, trabalhador, trabalho, dinheiro, festa, alegria, dança, musica, convidado, baptisado, chiança, escola, estudo, livro, mestre, geographia, Brasil, patriotismo, patria, defesa, guerra, revolução, soldado, canhão, bala, ruina.

47 palavras.

ESCOLA DE APPLICAÇÃO

Menina Luiza Molinaro

BELLEZA: — pelle, corada, perfumes, drogaria, extractos, vidros, fabricas, operario, vestimenta, uniforme, homem, casa, parede, tijolo, cal, pedreiro, dinheiro, mina, extracção, mineiro, doença, remedio, doutor, morte, carro, enterro, choro, enfeite, terra, cemiterio, cova, coveiro, caixão, flores, roseira, jardineiro, pau, floresta, lenhador, machado, lar, mulher, nascimento.

44 palavras.

A associações do typo linear servem, como ficou dito acima, para conhecer-se o vocabulario do alumno. Mas, ha melhor, se quer conhecer a profundidade de pensamento: são as associações do typo irradiado.

Aqui explica-se aos alumnos que, dada uma palavra, elles têm de escrever dentro do tempo marcado o maior numero possivel de palavras, mas todas tendo qualquer relação com a palavra que se tiver dado por inicio. Dá-se um exemplo: ferro—ferreiro—ferrador—ferradura—metal—mina—martello—prego, etc., etc.

Aqui temos alguns dos resultados mais interessantes das experiencias que fizemos :

ESCOLA JOAQUIM NABUCO

Alumna Isabel do Prado

MAR: — peixe, baleia, submarino, pesca, harpão, bote, nado, conchas, percla, maremoto, peninsula, tempestade, ondas, naufragio, ilha, selvagem, cabos, praia, costas, horizonte, esponja, porto, algas, navio á vela, espuma, marinheiros, peixes.

Escola Joaquim Nabuco

Alumna—Olga Miranda da Silva

Igreja:—padre, santos, irmandade, irmã de caridade, missas, communhão, confissão, corações, terço, livro, altar, sacristia, sacristão, confissionario, baptisado, casamento, promessas, flores, velas, castiçaes hostia, lampadas, luzes, eucharistia, procissão, lapinhas, pia baptismal, bancos, almofadas, moças, canto.

Escola Joaquim Nabuco

Alumna—Marina Nunes Pereira

Igreja:—missa, orações, padre, confissão, communhão, peccados, casamento, sermão, procissão, hostia, altar, imagens, santos, baptismo, criança, freira, collegio, livro, medalha, fita, chrisma, cathecismo, bancos, sacristão, calice, velas.

Escola Joaquim Nabuco

Alumna—Davina Sampaio Rebello

Mar:—barcos, luar, navios, banhistas, claridade, areia, banhos, agua, peixes, vagas, navegadores, nadadores, sereias, ilhas, maré, tempestade, moças, marinheiros.

Escola de Applicação

Menino—Maria Luiza Dias Paes

7º ANNO

Automovel:—rua, madeira, lona, ferro, roupas, lanternas, pharol, almofada, capota, desastre, passeio, casamento, anniversario, pedra, gazolina, oleo, agua, vapor, tinta, dinheiro, garage, luxo, rapidez, velocidade, corrida, signal, curva, vidro, luz, taboleta, numero, gasto.

33 palavras.

Escola de Applicação

Menina—Edgard Adriano

7º ANNO

Automovel:—passageiros, gazolina, motor, chauffeur, relogio, manivela, guidon, velocidade, capota, passeio, garage, roda, assento, diversão, victima, dinheiro, taxa, rapidez, desastre, desgraça, casamento, victima, fiscal, buzina, choque, flores, terra, trabalho, vehiculo, signal.

31 palavras.

Escola de Applicação

Menina—Luiza Melinaro

Automovel:—rua, passeio, carro, roda, passagem, dinheiro, cadeira, assento, capota, estrada, homem, passageiros, viagem, machinismo, ferro, ferramenta, desastre, rapidez, luxo, flores, morte, desgraça, adornos, enfeites, encontro, choque, côr, velocidade, pó, excursão.

31 palavras.

Rio de Janeiro, em Junho de 1925.

Do «Jornal do Brasil».

Lições de Lingua Patria

MARIA RITA BURNIER

1.° anno

1.° SEMESTRE

Conversa com os alumnos afim de desenvolver-lhes a expressão oral, esforçando-se o professor para que a linguagem delles seja correcta e clara e a dicção bastante nitida.

(Do programma do ensino primario).

NOTA—Para que haja real aproveitamento dos alumnos, para que se consiga disciplina e ordem na classe, é necessario é indispensavel que as lições sejam dadas de molde a divertir os pequenos ouvintes, a prender-lhes a attenção.

Jamais se esqueça o bom professor primario de que deve fazer-se creança em meio ás creanças: themas proprios á vida infantil e versando sobre symbolos concretos, completa ausencia de abstracções e o exito sera certo e indiscutivel.

Lição 1ª

(A gravura colorida pregada no quadro negro representa um pequeno de dez a doze annos de edade, que sorri alegremente recostado á porta de uma casa de modesta apparencia. E' claro e louro, grandes olhos azues. A camisinha branca aberta ao peito está manchada de preto nas mangas e no peito e as faces rosadas do pequenito apresentam as mesmas nódoa escuras).

Professora—Vamos hoje conversar sobre este menino.

Como vocês ainda não o conhecem começarei contando a sua historia. Chama-se Luiz. Seu pae é um carvoeiro muito pobre, porem honesto e diliegnte: sua mãe, bôa e trabalhadora, além de fazer todo o serviço caseiro cultiva nas horas vagas o quintal que rodeia sua modesta casinha, vendendo por muito bom preço os lindos repolhos, as alfaces verdes e macias, os tomates vermelhinhos e frescos.

Luiz é um menino exemplar. Frequenta o 2.° anno do grupo e é um dos primeiros de sua classe.

Muito bom filho, tudo faz para agradar ao papae e á mamãe.

Hoje está muito contente. Vejam como sorri, satisfeito.

Vocês não são capazes de adivinhar a razão da alegria do Luisinho. E' o seguinte:— Hontem, o papae na lucta de entregar os saccos de carvão, magôou um pé.

Teve que ir para a cama e mostrou-se muito triste, pois hoje não poderia correr a freguezia, levando o carvão. Eram tão pobres! Que fazer?... A mãe dizia: — Não te afflijas! Deus ajudará».

Luisinho fingia dormir, mas tudo ouvia.

Hoje, muito cedo, levantou-se devagarinho e sahiu de casa, dirigindo-se á carvoaria que ficava perto.

Encheu um, dois, tres, todos os saccos e depois de amarral-os como o pae fazia, levou, um de cada vez, a casa dos freguezes.

Acharam estes tão bonito o procedimento de Luisinho, que todos lhe deram um ou dos tostões, além do preço do carvão.

Luisinho carregou dez saccos e, agora, encostado aqui, junto á porta, espera que o papae e a mamãe despertem para causar-lhes uma grande surpreza e um immenso prazer.

Tem nas mãos dez pratas de mil réis cada uma, e mais seis moedinhas de cem, e quatro de duzentos réis.

Sente-se feliz e com razão: praticou uma bella acção, sabe que o papae e a mamãe hão de beijal-o com muito amor e que Deus está satisfeito.

Professora—Vamos ver si apprenderam a historia do Luisinho.

Quem é o pae de Luisinho? Quem souber responder, erga a mão direita. Responda, Eduardo.

(Ao formular a pergunta, faça-o o professor de modo geral a toda a classe. Depois de obter da maioria dos alumnos o signal indicado, então nomeie o alumno que deve dar a resposta. Assim, fará com que todos os pequenos aproveitem e sigam com interessé a lição. Si disser, por exemplo:— Antonio, quem é o pae de Luisinho?— poucos além de Antonio prestarão attenção á pergunta).

A—Carvoeiro.

P—Bem, mas eu quero que você diga a phrase completa. Assim:

Luisinho é filho de um carvoeiro. Ou então: O pae de Luisinho é carvoeiro. Vamos repetir: Quem é o pae de Luisinho? Responda, José.

A.—O pae de Luisinho é carvoeiro.

P.—Que significa a palavra carvoeiro?

A.—Que vende carvão.

P.—A phrase não está completa. Diga você, Lucia

A.—Carvoeiro é o homem que vende carvão.

P.—Sim, e tambem se chama carvoeiro quem faz ou carrega carvão.

(Aqui o professor deve aproveitar a opportunidade, e explicar o que é e como se fabrica o carvão, bem como a differença entre o carvão vegetal e os carvões mineraes: carvão de pedra, diamante, etc. Alliando ao estudo da lingua materna, outros conhecimentos, tornará suas prelecções mais divertidas e muito mais uteis)

P.—Continuemos. Em que se occupava a mãe do Luis, José?

A.—Tratava da horta.

P.—Que mais fazia? Responda, Lauro.

A.—Vendia verdura.

P.—Que especie de verdura vendia, Antonio?

A.—Repolhos, alfaces, tomates.

P.—Quem dará uma resposta melhor, mais completa que a do Antonio? Você, Francisco?

A.—A mãe de Luisinho vendia repolhos muito bonitos, alfaces frescas e macias e tomates vermelhinhos.

(Falar sobre os tres reinos da natureza, sobre a utilidade dos vegetaes etc.)

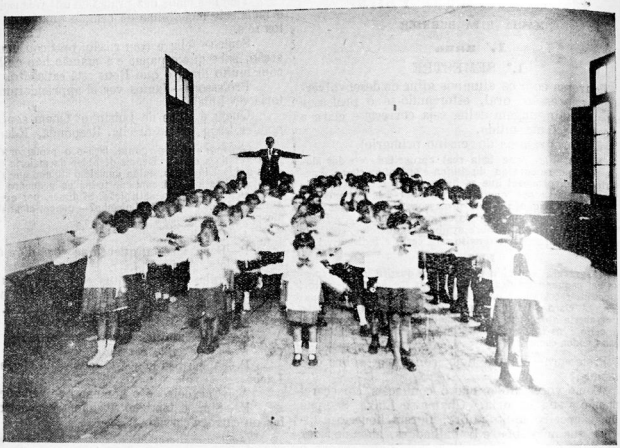
P.—Justamente. E como vendia os repolhos e as alfaces? Muito barato? Responda Maria.

A.—Vendia por muito bom preço.

P.—Diga a phrase completa.

A.—A mãe de Luizinho vendia a verdura por muito bom preço.

P.—Eu disse que a mãe de Luizinho fazia o serviço caseiro, isto é, o serviço, os arranjos de casa. Cosinhava, lavava a roupa, varria a casa, etc. Agora, cada um vae imaginar um serviço que a mãe de Luiz fazia e formar uma phrase como estas. A mãe de Luiz cosinhava. A mãe de Luiz varria a casa etc.



O GRUPO ESCOLAR DE CALDAS, em 14 de Julho de 1925. — O Director, José Alfredo Silva.

Pensem todos. Eu vou arguir.

A.—Eu já sei!

A.—Eu já pensei!

P.—Não falem todos ao mesmo tempo. Quem souber, erga apenas a mão direita. Assim. Responda, Alberto.

A.—A mãe de Luiz lavava a roupa de casa.

P.—Francisco.

A.—A mãe de Luiz regava os lindos repolhos da horta.

P.—Eduardo.

A.—A mãe de Luiz cosia a roupa do filho d'ella.

P.—Diga assim:—A mãe de Luiz cosia a roupa de seu filhinho.

A.—(Repete a phrase).

P.—Que faz aqui o Luiz? Maria?

A.—Está esperano o pae levantá.

P.—Então, Maria, é assim que se responde? Quem sabe corrigir os erros de Maria?

A.—A. Eu... eu... eu...

P.—Quem souber, dê apenas o signal indicado. Lucio, quaes foram os erros de Maria?

A.—Ella disse esperano e é esperando.

P.—Qual foi o outro erro, Sylvia?

A.—Disse levantá em vez de levantar.

P.—E não é só isso. E' preciso dizer levantar-se. A phrase correcta é assim. Está esperando o pae levantar-se. Está esperando que o pae se levante. Mas vejamos:—Porque será que o Luizinho se mostra tão alegre? Responda, Luis.

A.—Porque fez o serviço do pae.

P.—Porque será, Carlos?

A.—Porque sabe que o pae vae ficá contente.

P.—Repita a phrase, Carlos, pronunciou mal uma palavra.

A.—Porque sabe que o pae vae ficar contente.

P.—Agora, sim. Nunca se diz: ficá, andá falá, vendê, corrê.

São erros muito graves. Devemos dizer: ficar, andar, falar, vender, correr. E' tambem muito errado dizer-se: andano, falano, vendeno, pedino, etc. O direito é: andando, falando, vendendo, pedindo, etc. Vamos ver si comprehenderam. Eu farei a pergunta desta fórma: Luizinho espera. Luizinho está...

Toda a classe responderá: Esperando. Comecemos: A mãe de Luizinho varre. A mãe de Luizinho está...

A. A.—Varrendo.

P.—A mãe de Luizinho cose. A mãe de Luizinho está...

A.—Cosendo.

P.—A mãe de Luizinho trabalha. A mãe de Luizinho está...

A. A.—Trabalhando.

P.—Luizinho sorri. Luizinho está...

A. A.—Sorrindo.

P.—Muito bem. Luizinho carregou carvão. Luizinho acaba de...

A. A.—Carregar carvão.

P.—Luizinho vendeu dez saccos. Luizinho acaba de...

A.—Vender dez saccos.

P.—Luizinho ganhou onze mil réis. Luizinho acaba de...

A.—Ganhar onze mil réis.

P.—Bem, mas continuemos. Porque motivo o Luizinho se poz a carregar carvão? Você, Lysio.

A.—Porque o pae tava doente.

P.—Não é assim que se fala. Quem póde corrigir a phrase do Lysio? Ninguem sabe? Responda, Mercês.

A.—Elle disse tava e é estava.

P.—Acertou, Mercês. E' grande erro dizer-se: eu tou, elle tava. Devemos dizer: — eu estou, elle estava. Façamos o seguinte: Eu perguntarei e toda a classe responderá; estive, estou, está, conforme a phrase.

Vamos lá: Eu hoje estou aqui. Eu hontem...

A. A.—Estive aqui.

P.—Eu estou contente. Nós...

A. A.—Estamos aqui.

P.—João está presente. Nós...

A. A.—Estamos presentes.

A.—Amanhã eu estarei na fazenda. Amanhã nós...

A. A.—Estaremos na fazenda.

P.—E' isso mesmo. Estou, estive, estava, estarei, estarão, etc. Mas passemos adeante. Eu disse que o pae de Luiz é diligente. Essa palavra significa esforçado, trabalhador. Luizinho tambem é diligente? Responda, Martha,

A.—E', porque carregou dez saccos de carvão.

P.—E não teremos outro motivo para julgal-o diligente?

A.—E' diligente, porque ajuda muito seus paes.

P.—Sim, applica-se em seus estudos, esforça-se no cumprimento de seus deveres, é um filho exemplar, e diligente e bom, um menino digno de ser imitado.

Por hoje ficamos aqui; na proxima lição hei de apresentar-lhes um outro menino tão bom e tão sympathico como o nosso amiguinho Luiz.

(Do livro em preparo: «Lições praticas da Lingua Materna»).

PROGRAMMA DE ENSINO EM S. PAULO

Calligraphia

(Continuação)

Indicações — O typo de calligraphia adoptado será o vertical, que apresenta sobre o inclinado algumas vantagens inegaveis: é mais facil e uniforme, pois ha uma unica posição para as letras—a perpendicular á pauta, ao passo que as obliquas compativeis com a escripta são muito numerosas; é mais legivel, assemelhando-se bastante ao typo de fórma; e é mais hygienico, porquanto, permittindo ao alumno a posição normal do tronco, evita-lhe deformidades do corpo.

Devendo o ensino da escripta acompanhar *pari-passu* o da leitura, para que essas duas disciplinas mutuamente se auxiliem, os primeiros modelos a copiar serão sentenças conhecidas das creanças, o seu proprio nome, a designação da escola, os nomes dos objectos familiares, etc.

Concretizando na palavra escripta a ideia despertada pela palavra oral, a creança associa, ao exercicio manual o trabalho consciente de sua intelligencia.

«As lettras são detalhes technicos cujo conhecimento — na leitura como na escripta — não deve preceder ao da palavra».

As sentenças-modelo serão escriptas no quadro negro pelo professor, que precisa exercitar-se na calligraphia vertical, pois a classe apanha com facilidade o seu typo de lettra.

Para que apprendam a fórma e a ligação das lettras dos vocabulos, é indispensavel que o traçado do modelo seja feito á vista das creanças, que devem observar a maneira de escrever as palavras no quadro negro, pautado de forma identica ao caderno.

Nesta primeira phase, a escripta será executada a lapis, em caderno de pauta dupla, e os modelos do quadro para que se tornem mais faceis de copiar, serão traçados *sem detalhe*, com a maxima simplicidade de linhas.

O professor attenderá solicitamente á posição correcta do corpo do alumno em relação á carteira, assim como a posição do caderno e ao modo de empunhar o lapis.

Quanto ao programma, não é necessario desenvolvel-o; os exercicios correspondem, passo a passo, aos de leitura.

Linguagem

Indicações — As primeiras lições de linguagem devem caminhar parallelamente com as primeiras lições de cousas, de modo que a linguagem dos alumnos seja sempre o resultado das observações que tenham feito ou que tenham sido levados a fazer.

O professor corrigirá cuidadosamente os erros de pronuncia e construcção, commettidos pelos alumnos no correr de todas as lições e procurará sempre exprimir-se em linguagem simples, clara e correcta.

Todos os termos novos empregados em qualquer lição devem ser bem explicados e introduzidos pelos alumnos em sentenças, pois só assim o professor verificará que aprenderam o seu significado.

Importa que o professor consiga sempre a enunciação de sentenças claras e completas (mas sem redundancia), e que perca o pessimo habito de responder pelos alumnos, deixando-lhes apenas o insignificante esforço de concluir a resposta com meia palavra.

Proporcionem-lhes occasião de falar com toda a espontaneidade, de contar com natural vivacidade o facto que presenciaram, a historia que ouviram, pois assim aprenderão a ordenar as suas ideias e a preparar-se para os exercicios de redacção.

Linguagem oral

Programma

1) Pronunciar bem os nomes de cousas conhecidas, devendo os alumnos focal-as: nomes das partes do corpo, do vestuario, da carteira, de objectos escolares, etc.

2) Nomear as qualidades mais salientes e as acções mais comuns, para entreter as primeiras conversações.

3) Formar sentenças com palavras conhecidas dos alumnos e a respeito de cousas cuja existencia e utilidade os seus sentidos verifiquem.

4) Formar sentenças sobre a fórma, côr, posição, substancia e utilidade de objectos conhecidos.

5) Descripção de objectos presentes, para habituar o espirito dos alumnos á decomposição systematica de um todo, lançando no quadro as palavras principaes da descripção, para ensinar-lhes a graphia das mesmas e leval-os a reconstituirem oralmente a lição.

6) Pequenas descripções de objectos ausentes e conhecidos.

7) Palestras sobre gravuras, que representem scenas domesticas, naturaes e historicas, para obrigal-os ao uso

expedito de seu vocabulario, pelas respostas, com algum desenvolvimento, ás interrogações claras e bem concatenadas, que lhes dirige o mestre.

8) Narrações simples de factos instructivos e moraes, feitas pelo professor.

9) Reproducção socratica das mesmas e reproducção livre pelos alumnos, havendo vantagem em fazerem-n'a alguns dias depois, para que hajam esquecido as palavras, conservando o pensamento, que vestirão em palavras de seu proprio vocabulario.

10) Recitação, com explicação prévia, de maximas e pequenas poesias.

Linguagem escripta

Programma

1) Copia, no papel, de uma sentença conhecida, escripta destacadamente pelo professor no quadro negro.

2) Copia de um cabeçalho para os trabalhos graphicos, no qual mencionem a designação da escola, o nome da cidade ou bairro, a data, o nome e a idade, etc.

3) Copia, ordenando as partes de uma sentença, escriptas no quadro.

4) Copia de um trecho do livro de leitura.

5) Copia de palavras, separando as syllabas.

6) Completar sentenças escriptas no quadro, sendo, a principio, dadas as palavras, mas não segundo a ordem em que devam ser empregadas.

7) Dictados de palavras conhecidas e de pequenas sentenças, já dictadas ou copiadas no quadro.

8) Formação de sentenças com palavras dadas.

9) Responder a interrogações variadas, concernentes a pessoas, animaes, cousas, acções, circumstancias diversas, etc. Exemplo: Quem comprou? Que comprou? Onde? Quando? Para que? Quanto? For que? etc.

10) Redacção de sentenças coordenadas, á vista de objectos ou gravuras.

Arithmetica

Indicações — O ensino de arithmetica no 1.º anno será intuitivo e pratico, constando de rudimentos das quatro operações sobre numeros que não excedam da primeira centena.

Em logar, porém, de fazer o alumno decorar e escrever mecanicamente a série de numeros de 1 a 100, exercicio que de maneira alguma põe em actividade as suas faculdades de attenção e de reflexão, o mestre deverá ensinar progressivamente o valor de cada numero em suas relações com os numeros inferiores, já conhecidos do alumno, fazendo-o observar, comparar, raciocinar.

«As verdadeiras ideias de numero pertencem aos factos cuja concepção devemos principalmente ao sentido da vista. O bom exito do ensino elementar, neste assumpto, depende da exhibição real dos objectos.»

Fornecendo aos alumnos objectos faceis de manusear, como tornos, palitos, taboinhas, cubos, lapis, favas, pedrinhas, etc., o professor ensinar-lhes-á simultaneamente todas as operações que se podem effectuar com um dado numero, fazendo-os descobrir todas as combinações possiveis entre elle e os numeros menores.

Começará exercitando no conhecimento directo, por um simples lance de vista e sem contar, de grupos de 2, 3, 4 e 5 objectos, dispondo-os de modo semelhante ao dos pontos do jogo de dominó. Depois, reconhecerão, da mesma fórma, esses agrupamentos em desenhos ou estampas.

Reunindo uma das turmas em volta de uma mesa longa, mandará tirar um monte—um determinado numero de objectos e fará analysar essa quantidade, decompondo-a em porções iguaes e desiguaes. Assim os alumnos acharão que, por exemplo, em quatro objectos ha 2 objectos mais 2 objectos, $3 + 1$, $2 + 1 + 1$, $1 + 1 + 1 + 1$, que $4 - 2 = 2$, $4 - 3 = 1$ $4 - 1 = 3$, $2 \times 2 = 4$, $4 \div 2 = 2$, $1/2$ de $4 = 2$, etc.

Só após o estudo oral e concreto dessas diversas operações sobre os numeros 1 a 10, é que ensinaremos a escripta e a leitura desses numeros e a representação graphica das differentes combinações aprendidas, para habilital-os a lêr e a copiar os mappas de Parker.

O professor precisa caminhar devagar nesses primeiros passos, ensinando-os muito bem. Uma vez bem assentadas taes bases, o resto virá por si e será facilmente comprehendido.

A respeito de cada numero serão apresentados pelo mestre ou formulados pelos alumnos numerosos problemas para serem resolvidos, a principio, oralmente e depois por escripto, cujos assumptos se relacionem com o meio em que vivem as creanças, com os trabalhos da estação, com a profissão dos paes, e nos quaes aprendam uteis noções sobre o valor do trabalho diario ou o preço real das cousas usua s e dos generos alimenticios.

Quanto ao ensino systematico da taboada, será feito pelo processo indicado para o 2º anno, e a noção de fracção dada de modo evidente, concreto, fragmentando em partes iguaes uma tira de papel, uma varinha, uma laranja, etc.

Programma

1) Ensinar, por meio de grupos de objectos, os numeros de 1 a 10. Exercicios concretos, calculos com o auxilio de estampas e problemas oraes com esses numeros, abrangendo as quatro operações. Noção de dobro e metade. (Como exemplo concreto, mostrar o litro, o meio litro e o duplo litro).

2) Exercicios com numeros abstractos, effectuando oralmente todas as combinações possiveis até 10. Ensinar a escrever os numeros de 1 a 10. Explicação da palavra *vezes*. Ensinar o valor do zero e a palavra *dezena*.

3) Ensinar o uso dos signaes +, —, ×, ÷ e =, em pregando-os em calculos escriptos. Ensinar os numeros de 10 a 20. Comparar o metro e o decimetro, o litro e o decilitro. Exercicios e problemas oraes e escriptos. Noção de quarto e terço.

4) Contagem por dezenas até cem, antes do conhecimento dos numeros intermediarios entre as dezenas consecutivas (fazendo grupos de 10 objectos ou feixes de 10 palitos, atados por um fio). Exercicios e problemas com dezenas. Ensinar a medir; metro, decimetro e centimetro

5) Ensinar os numeros de 20 a 30. Noção de quinto, oitavo e sexto. Sommar de 1 em 1 até 10, e depois, de 10 a 30, e subtrair na ordem inversa. Contagem até cem, por addição de unidades. Copia das cartas de Parker. Execução de seus calculos com tornos.

6) Sommar rapidamente de 2 em 2 até 20, começando por 2 e depois por 1; e diminuir na ordem inversa. Serie dos numeros pares e impares, na ordem crescente e decrescente, de 1 a 20, de 20 a 50 e de 50 a 100. Noção de decimo, setimo e nono. Algarismos romanos até XII. As horas do relogio.

7). Sommar 3 aos dez primeiros numeros e aos numeros de 10 a 30, comparando os resultados com os da primeira dezena; subtrair na ordem inversa. Fazer na carteira, com tornos, a taboada de multiplicar do 2, escrevendo-a em seguida no papel, afim de melhor fixar os resultados (A classe deve repetil-a sob outra fórma, para que aprenda simultaneamente a de dividir).

8). Addicionar 4, 5 e 6 aos numeros digitos, e subtrair tambem. Sommar e diminuir por décadas ($4 + 3$, $14 + 3$, $24 + 3$, $34 + 3$, etc). Noção de duzia e cento. Taboadas de multiplicar e de dividir do 3. Problemas.

9) Sommar 7, 8 e 9 aos numeros digitos e a outros que augmentem successivamente de dez em dez. Exercicios semelhantes para subtrahir. (Escrever, num circulo, os numeros digitos saltados e, no centro, um delles, para recapitular as taboadas, sommando com rapidez, sem contar. Escrever no centro os numeros da segunda dezena, para subtrahir rapidamente). Problemas de somma e subtracção combinadas.

10). Taboadas de multiplicar do 4 e do 5. (Recordal-as de modo differente, para aprender as de dividir. 1×4 são 4. 2×4 são 8, etc.; 20 contem 4×5, porque $4 \times 5 = 20$; $4 \times \ldots = 24$, $7 \times \ldots = 21$; 1/4 de $12 = 3$ porque $3 \times 4 = 12$, etc.). Problemas de multiplicar e de dividir sobre numeros inferiores a uma centena.

FÓRMAS

Indicações— O estudo das fórmas deve ser o mais pratico e intuitivo possivel e feito sempre á vista de modelos ou solidos geometricos, estabelecendo os alumnos comparação entre os solidos estudados — a esphera e o cubo, o cubo e o cylindro, etc.

A principio deve o professor esforçar-se para que a fórma geral do solido fique bem gravada no espirito das creanças. Isto feito passará a estudar a superficie do solido (quadrado, rectangulo, triangulo), sem preoccupar-se com as denominações respectivas, mas principalmente para que os alumnos conheçam e distinguem essas superficies.

Para auxiliar as lições, os alumnos devem dar exemplos dessas superficies e linhas em objectos da sala de aula, ou em outros que lhes sejam conhecidos, fazendo depois no papel o seu traçado.

O professor deverá evitar os termos technicos e o ensino theorico de noções abstractas

Para o ensino das fórmas serão feitos solidos geometricos em argilla plastica.

Programma

1) Esphera: estudo feito á vista do solido, quanto a fórma geral e superficie.

2) Cubo: fórma do cubo comparativamente com a de outros objectos conhecidos. Comparal-o á esphera. (Mostrar que num plano inclinado a esphera rola e o cubo escorrega). Manuseando os solidos, os alumnos devem notar as differenças entre as suas superficies. Faces do cubo; arestas ou linhas; cantos ou angulos.

3) Modelar em barro ou em massa plastica a esphera e o cubo. Dividir a esphera pelo meio—o hemisphario.

4) Estampar no barro as seis faces do cubo. Desenhal-as em papel cartão, recortal-as e dobral-as, compondo um cubo.

5) Desenhar uma das faces do cubo: o quadrado; lados e angulos.

6) Dividir um cubo de argilla em duas e em quatro partes iguaes, para obter prismas rectangulares e quadrangulares. O rectangulo; lados e angulos;

7) O prisma rectangular; nomear objectos que se assemelhem a esse solido. Construir uma caixinha com papel encorpado.

8) Dividir esse solido em dois prismas triangulares. O triangulo.

9) O cylindro; estudo correspondente; base e altura. O circulo.

10) Desenhar as faces dos solidos conhecidos.

O que as crianças preferem ler

Misses Emma. B. Grant e Margaret L. White, aquella auxiliar da cadeira de Educação Elementar do collegio para professores da Universidade Columbia, da cidade de Nova York, e esta inspectora de escolas elementares de Cleveland, procederam a uma investigação nas escolas e bibliothecas publicas, de varias cidades americanas, afim de verificar o que as crianças escolhem para ler.

O trabalho obedeceu ao seguinte plano:

1) Informações das bibliothecarias sobre os livros que as creanças, que frequentam a bibliotheca, escolhem para ler.

2) Verificação pelos cartões da bibliotheca do numero de vezes que os livros da secção destinada ás crianças foram levados para leitura em casa.

3) Verificação da popularidade dos livros pelas condições materiaes dos mesmos, taes como signaes de dedos, paginas rasgadas, capas estragadas, etc. que são indicios de uso constante, conforme a opinião de bibliothecarias.

4) Exame do que estavam a ler as crianças por occasião das visitas das investigadoras.

5) Palestras com as crianças perguntando-lhes quaes os livros que preferem e qual a razão de tal preferencia.

As professoras Misses Grant e White escreveram a diversos collegas, pedindo-lhes que as auxiliassem nas investigações, fazendo aos alumnos as seguintes perguntas: «De todas as historias lidas ou ouvidas, qual a que mais te agradou?» «Quaes os livros que mais aprecias? Porque os aprecias?».

Obtidas as informações desejadas, as professoras Grant e White fizeram minucioso e demorado estudo daquellas, chegando á conclusão de que as crianças de varias zonas do paiz differem muito pouco na escolha do que lêm.

Publicaram a seguinte tabella que tem servido de base para a escolha do assumpto dos livros que se destinam ás crianças:

Typo do material	Porcentagem
Animaes	23,9%
Contos da Carochinha	20%
Folk-Lore	17%
Poesia	10%
Miscellanea	8%
Informações diversas	7%
Historia	4%
Experiencias infantis	4,1%
Religião	1,5%
Historia Natural	1,1%
Fabulas	1,1%
Humorismo	0,5%

I. Guimarães

Tests de Intelligencia

Alumno X

Edade—7 annos e 9 mezes ou 93 mezes.

Alumno do 1.° anno do grupo escolar «Olegario Maciel».

Annos que frequentou escolas—6 mezes.

Tempo—1,h 30m —

	annos	mezes
6 annos	6	0
7 «	1	0
8 «	1	0
9 «	1	0
10 « 2 (3 cada 1) —	6	6
	9a	6m

Edade mental—9 annos e 6 mezes ou 114 mezes.

Edade chronologica—7 annos e 9 mezes ou 93 mezes.

Q. I.—192 ou 193.

Bello Horizonte, 23 de Julho de 1922.

A professora, *Anna de Santa Cecilia.*

Copia do plano approvado pelo professor C. A. Baker

Alumno Y

Edade—10 annos e 11 mezes ou 131 mezes.

Alumno do 4.° anno do grupo escolar «Barão do Rio Branco».

Annos que frequentou escolas—3—

Tempo—1,h.25m.

		annos	mezes
8	annos	8	0
9	«	1	0
10	«	1	0
12	« 4 (4 cada 1)	1	4
14	« 3 (6 cada 1)	1	6
		12a.	10m.

Edade mental—12 annos e 10 mezes ou 154 mezes.

Edade chronologica—10 annos e 11 mezes ou 131 mezes.

Q. I.—117 ou 118.

Bello Horizonte, 20 de Fevereiro de 1925.

Exame feito pela professora *Anna de Santa Cecilia.*

EXCURSÕES ESCOLARES

Ignacia Guimarães

As excursões escolares para o estudo de historia e de geographia locaes, prescriptas pelo novo Regulamento da Instrucção Primaria, constituem uma das mais louvaveis inovações adoptadas.

Este processo educativo proporciona aos alumnos excellente opportunidade para o cultivo da intelligencia, educação dos sentidos e formação do caracter. Dá-lhes ensejo para pensar em cousas praticas e uteis, para raciocinar, para observar, julgar e comparar. Familiariza-os com o ambiente social em que vivem, fazendo-os conhecer, *de visu*, o que nelle se ha feito, o que se faz e o que ha ainda por fazer. Desperta nelles o sentimento da responsabilidade, a consciencia dos deveres e dos direitos que cabem a cada um dos membros de um grupo ou de uma collectividade. E' um dos melhores meios que se conheçem, para auxiliar aos alumnos na descoberta de suas capacidades innatas e no emprego acertado de suas aptidões naturaes.

Uma excursão, intelligentemente planejada e criteriosamente dirigida, pode produzir, na vida pratica, resultados mais proveitosos que os obtidos em estudos SIMPLESMENTE livrescos.

O professor, para tirar o melhor proveito possivel deste meio de ensino, deve saber como usal-o. «LEARN HOW TO DO BY DOING» é o que se aconselha.

Na Escola Normal Modelo, já se poz em pratica esta disposição regulamentar—a das excursões escolares. As futuras professoras fizeram já duas visitas a estabelecimentos industriaes, sendo uma á Serraria dos Srs. Garcia de Paiva & Pinto e outra á Siderurgica dos Srs. Magnavacca & Filhos. Projectam-se muitas outras, e, com o enthusiasmo, o interesse e o prazer que estas excursões teem despertado nas alumnas, espera-se colher fructos mui proveitosos deste trabalho. Todas as informações colhidas teem sido usadas como base das licções de arithmetica, de geographia, de linguagem, de leitura e de civismo, nas aulas praticas. Obedecendo a tal orientação, vai se transformando a escola em um ambiente de vida real, pratica, util e attrahente.

Para que se veja o caracter pratico que se pretende dar ao ensino, publica-se a seguir um dos relatorios apresentados o qual foi escolhido pela classee não soffreu correcção alguma pela professora, pois deseja esta cultivar, tanto quanto possivel, a individualidade das alumnas e a independencia da turma.

Relatorio de uma excursão feita ao estabelecimento industrial de Garcia de Paiva & Pinto, de Bello Horizonte.

E' apenas um bosquejo de relatorio que hoje faço, afim de satisfazer o desejo de minha professora, pois é este o primeiro, feito em minha carreira escolar.

Vou relatar, portanto, em linhas geraes, as impressões que me ficaram, e fornecer algumas das notas que consegui obter, graças á gentileza dos Snrs. Garcia & Pinto que bondosamente se prompitificaram a mostrar-nos todas as dependencias do Estabelecimento e dar-nos todas informações pedidas.

ESTABELECIMENTO

Orça entre 400:000$ e 500:000$ o valor do predio e do machinismo pertencentes ao estabelecimento industrial da firma Garcia de Paiva & Pinto, cuja fundação data de 1898.

O predio ocupa uma área sufficiente, cujas dimensões não sei, tendo simples e elegante fachada, estando situado nas proximidades das estações da Central e da Oeste de Minas, no Bairro da Floresta.

MACHINISMO

Despertou-me especial attenção a machina denominada «engenho de serra circular», que vi pela primeira vez e que se destina a serrar os tóros de madeira. E' muito simples, movida a electricidade e executa em dois minutos o trabalho que dois homens só poderiam executar em duas horas.

Mais ou menos no centro das officinas, encontra-se um locomovel, que é a machina mais importante das existentes lá. E' aperfeiçoada e representa grande economia, pois consome, como combustivel, todas as fitas ou restos de madeira, tendo para absorver os mesmos uma bomba. Até o seu vapor é canalisado, servindo para o preparo de colla.

Vimos diversas outras machinas, dentre as quaes, salientam-se: as que servem para afiar, para apparelhar (sendo esta a mais perigosa), a tupia, a respigadeira e a de recortes. A tupia e a respi-

gar são de capital importancia na confecção de carteiras.

Como lubrificante, usam-se o oleo de mamona, a graxa commum e a patente, esta apenas nos mancaes de seis em seis mezer.

Para o serviço de transporte interno, as officinas dispõem de um poderoso guindaste, que retira os tóros de madeira dos wagões, que entram no edificio, e leva-os a qualquer ponto desejado. Esta machina que é tambem movida a electricidade, executa rapidamente um trabalho para o qual seriam necessarios 15 homens, no caso de ser feito pelos processos rotineiros. E' dirigida por um pequeno operario que conta apenas 12 annos.

MADEIRAS

São variadissimas as qualidades de madeira que se encontram em deposito no estabelecimento dos Snrs. Garcia de Paiva & Pinto.

Vimos lá o cedro, a aroeira, madeiras de grande durabilidade e que geralmente se destinam ás obras que têm de ficar expostas á acção do tempo, resistindo por seculos (haja vista as celebres pontes de Sabará e Santa Luzia).

Alcançam bons preços e veem das terras marginaes do São Francisco.

Tive occasião de ver tambem bellas amostras de peroba rosa, de embuia e pinho do Paraná. A primeira vem de Porto Real, Minas, e é vendida á razão de 6$000, e a ultima, de Paraná, á razão de 15$000 o metro. São as melhores madeiras para soalhos e forros de casa.

Vi ainda o oleo balsamo, jacarandá, vinhatico e muitissimas outras, pois, sómente oriundas do E. de Minas, ha cerca de 100 especies differentes, em deposito.

Achámos interessante o processo adoptado na seccagem da madeira que é recebida ainda verde. E' mettida em agua quente e depois depositada em logar fresco e bem arejado, conserva um espaço de 4 a 5 centimetros entre uma e outra taboa.

PEÇAS FABRICADAS

Confeccionam-se variadissimas peças de mobilia, assim como peças para construcções.

Dentre os moveis, mereceram nossa particular attenção as carteiras que lá se fazem, destinadas ás escolas e grupos escolares do Estado. São bem feitas, entrando em sua confecção, sómente material genuinamente nacional: madeiramento nacional; pés e demais peças de ferro confeccionados na Usina Esperança, com minerio extrahido em jazidas mineiras e tinteiros fabricados no Rio de Janeiro.

Setecentas carteiras são fornecidas ao Estado mensalmente, ao preço medio de 35$000 cada uma.

Acompanhamos attentamente todo o processo da confecção de diversas peças e conseguimos muitas informações uteis, inclusive sobre o preparo e applicação de verniz.

OPERARIOS

Trabalham no estabelecimento mais de 200 operarios, contando-se em o numero delles alguns de menor edade. O salario varia conformeo trabalho e a aptidão do empregado. A apparencia physica dos operarios é boa. São todos brasileiros, com excepção de uns dois ou tres portuguezes.

Uma informação que muito nos contristou foi a da porcentagem de analphabetos: 90 %. Muitos delles, não podendo assignar o nome, fazem-no por copia, segundo fomos informadas.

Não ha no estabelecimento associação alguma que promova o levantamento do nivel intellectual, social ou o desenvolvimento do physico de seus empregados.

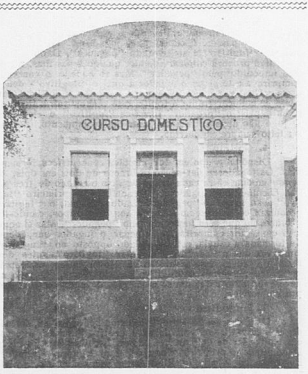
Para admissão, exigem-se apenas boa conducta moral e aptidão para o trabalho.

Como conclusão, direi o seguinte: se todos os empregados que lá vimos, tivessem ao menos instrucção elementar, outras seriam as suas condições materiaes e mesmo physicas e tambem melhores seriam os resultados para o estabelecimento e para a nossa patria.

Voltei mais compenetrada dos deveres que nos cabem, como professoras de amanhã, no combate do analphabetismo em nosso carissimo Brasil. Uma nação que conta grande numero de illetrados, será fatalmente vencida por outras mais fortes, mais aptas para a intensa vida economica dos nossos dias. Não esmoreçamos! Preparemo-nos bem para a ardua porém nobre missão a que nos destinamos.

Bello Horizonte, 24 de Julho de 1925.

Maria Ephigenia Chaves
Alumna do 4º anno da E. N. Modelo



Curso domestico — Grupo Escolar Firmino Costa em Lavras

SECÇÃO RECREATIVA

Jogos menores

1. Nunca tres

Dispõr o grupo em dois circulos concentricos, formando filas com a frente voltada para dentro, devendo o espaço entre ellas ser de dois ou tres passos. Escolher dois jogadores. Chamar ao primeiro «fugitivo», ao segundo «pegador». Dado o signal, o «fugitivo» procurará collocar-se em frente de qualquer das filas dando-lhe as costas no que será impedido pelo «pegador». Mas si aquelle o conseguir cumprirá a este pegar o terceiro da fila. Não poderá haver nunca tres em cada fila. O terceiro é sempre o «fugitivo». Uma vez que o «pegador» toque o «fugitivo» antes deste se collocar em frente á fila, este o substituirá. Invertem-se os papeis; o «pegador» torna-se «fugitivo» e vice-versa. O jogo não deve entretanto parar um só momento, devendo ser feito sempre em corrida.

2. Tres em linha

Dispõr o grupo em dois circulos concentricos, formando filas com a frente voltada para dentro, devendo o espaço entre ellas ser de dois ou tres passos. Escolher dois jogadores. Denominar ao primeiro «fugitivo», ao segundo «pegador». Dado o signal, o «fugitivo» procurará collocar-se atraz de qualquer das filas, dando-lhe a frente, no que será impedido pelo «pegador». Mas si aquelle o conseguir cumprirá a este pegar o primeiro da fila. O primeiro é sempre o «fugitivo». Uma vez que o «pegador» toque o «fugitivo» antes deste se collocar á retaguarda da fila, este o substituirá immediatamente. Invertem-se os papeis: o «pegador» torna-se «fugitivo» e vice-versa. O jogo não deve entretanto parar um só momento, devendo ser feito sempre em corrida.

3. Frente á frente

Dispõr o grupo em dois circulos concentricos, formando filas que se defrontem, devendo o espaço entre ellas ser de dois ou tres passos. Escolher dois jogadores. Denominar ao primeiro "fugitivo" e ao segundo "pegador". Dado o signal o fugitivo procura collocar-se entre qualquer das filas, no que será impedido pelo "pegador". Mas si aquelle o conseguir, cumprirá a este pegar o jogador a que o "fugitivo" deu as costas. Uma vez que o "pegador" toque ao "fugitivo" antes deste se collocar frente á frente, este o substituirá. Invertem-se os papeis: o "pegador" torna-se "fugitivo" e vice-versa. O jogo não deve entretanto parar um só momento, devendo ser feito sempre em corrida.

4. Cadeias

Dispõr o grupo em dois circulos concentricos, formando filas. Os jogadores dar-se-ão os braços de dois em dois, devendo mediar entre cada grupo de dois o espaço de tres passos. Escolher dois jogadores. Denominar ao primeiro "fugitivo" e ao segundo "pegador". Dado o signal, o "fugitivo" procurará collocar-se ao lado de um dos grupos, dando-lhes o braço, no que será impedido pelo "pegador". Mas si aquelle o conseguir cumprirá a este pegar o jogador que, depois de formada a cadeia, estiver do lado opposto ao "fugitivo". Uma vez que o "pegador" toque o "fugitivo" antes deste formar a cadeia, este o substituirá. Invertem-se os papeis: o "pegador" torna-se "fugitivo" e vice-versa. O jogo não deve entretanto parar um só momento, devendo ser feito sempre em corrida.

5. Impedindo

Dispõr o grupo em dois circulos concentricos, formando filas com a frente voltada para dentro, devendo o espaço entre ellas ser de dois ou tres passos. Escolher dois jogadores. Denominar ao primeiro "fugitivo" e ao segundo "pegador". Em cada fila, o segundo abraçará o companheiro pela cintura. Dado o signal o "fugitivo" procurará collocar-se em frente de qualquer das filas, dando-lhe as costas, no que será impedido pelo "pegador". Mas si aquelle o conseguir, cumprirá a este pegar o primeiro da fila. O segundo de cada fila impedirá por todos os meios que o "fugitivo" consiga entrar na frente da fila, ao passo que o primeiro o auxiliará. Uma vez que o "pegador" toque o "fugitivo" este o substituirá. Invertem-se os papeis: o "pegador" torna-se "fugitivo" e vice-versa. O jogo entretanto não deve parar um só momento, devendo ser feito sempre em corrida.

6. Branco e preto

Apparelhamento: Um dado com faces brancas e pretas. Dividir o grupo em duas turmas parallelas e fronteiras no meio do campo, á distancia de dois passos. Determinar a côr de cada turma. Lançado o dado, a turma cuja côr ficar para cima tratará de pegar os jogadores da outra, que fugirão até o limite do campo. Ganhará o jogo a turma que conseguir pegar o maior numero em certo tempo.

7. Pegar e puxar

Riscar no chão o limite dos dois campos. Collocar junto a elle, fronteiras, as duas turmas, á distancia de um passo da linha. Dado o signal, cada jogador procurará pegar e puxar o adversario para o seu campo. E' licito auxiliar o companheiro em risco de ser puxado para o campo contrario como unir os esforços para puxar o adversario. Ganhará o jogo a turma que conseguir puxar a maior parte dos jogadores ao mesmo tempo.

8. Pegar a cauda

Dispõr o grupo em fila, abraçando-se os jogadores pela cintura, formando cadeia. Escolher um que será o pegador e collocal-o em frente da fila e de frente para ella. Dado o signal, procurará pegar a cauda da cadeia, no que será impedido pelo primeiro que usará os braços abertos, mas não poderá agarral-o. Si conseguir pegar o ultimo este o substituirá.

9. Pegar o lenço

Apparelhamento: Dividir o grupo em duas turmas, collocando-as nas extremidades do campo. O instructor ficará no meio do campo e lançará o lenço no chão. Immediatamente o jogador á direita de cada turma correrá em direcção ao lenço e procurará leval-o comsigo para o seu campo, sem ser tocado pelo adversario. Si este o tocar, o levará para o seu lado, entrando sempre á esquerda; não tocando, elle será o prisioneiro. Ganhará o jogo a turma que conseguir pegar o maior numero de jogadores em certo ponto.

10. Pegar a bola pesada

Dispõr o grupo em circulo, ficando um no centro. Os do circulo passarão a bola, livremente um ao outro, de forma que o do centro não a toque. O que deixar substituil-o-á.

11. Chicote queimado

Dispõr o grupo em circulo, hombro a hombro, com a frente voltada para dentro e as mãos nas costas. O jogador que estiver com o chicote (uma toalha amarrada com um barbante, por exemplo), correrá por fóra e deixará o chicote na mão de qualquer. Este perseguirá o que estiver a sua direita, batendo-lhe até dar a volta ao circulo e reoccupar o seu logar. O do chicote continuará a correr, deixando-o na mão de qualquer. E assim por diante.

12. Saltar a vara

Apparelhamento: uma vara. Dispõr o grupo em circulo de frente voltada para o centro, onde um jogador ficará deitado de costas e munido da vara. Dado o signal rodará a vara pela direita, sempre rente ao chão até conseguir tocar nos pés de qualquer jogador, que assim o substituirá.

13. Massas venenosas

Apparelhamento: Varias massas.

Dispõr o grupo em circulo, segurando os pulsos com firmeza em torno das massas. Dado o signal, os jogadores se empenharão em fazer com que os seus companheiros derrubem ao menos uma das massas; o que a derrubar será excluido do jogo. Excluir-se-ão tambem os dois jogadores que largarem os pulsos. Será vencedor o que não as derrubar.

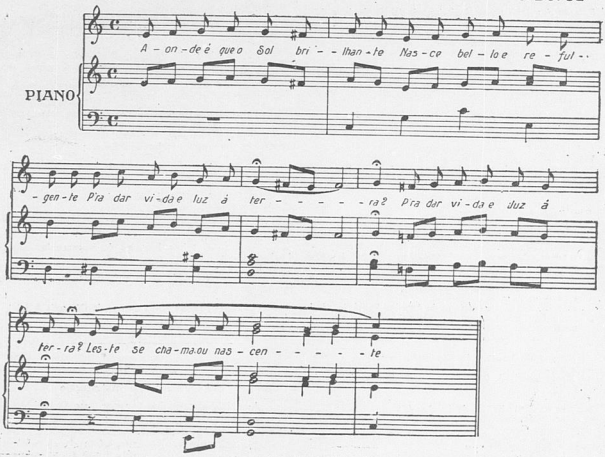
(Continúa)

Norte, Sul, Leste, Oeste.

(CANÇÃO ANIMADA)

Letra de T. Nogueira

Musica de T. Borba



Aonde é que o sol brilhante
Nasce bello e refulgente,
P'ra dar vida e luz á terra?
Léste se chama, ou nascente.

E onde é que á tarde o grande astro
De poetica côr se véste,
Para dar logar á noite?
E' no poente, ou oéste.

E onde é que o calor e a luz
Do astro brilhante e forte,
Não chega vivificante?
Ao polo artico, ou norte.

E p'ra onde é que ao meio dia
Brilhante no céo azul,
Luminoso o sol se inclina?
Meio dia, ou então sul.

NOTA — As crianças collocam-se em filas, estando voltadas para quem as dirige (a professora ou alumno que ella designar) e que lhes canta os tres primeiros versos interrogativos.

Repetem o terceiro verso, como está na musica, voltando-se depois para o ponto indicado no ultimo, com a resposta.

E assim em relação a todas as quadras, voltando-se no ultimo verso de cada uma para o ponto cardial indicado.

PARTE OFFICIAL

Directoria de Instrucção

Relação dos professores elogiados, de 16 de Junho a 31 de Julho de 1925.

MEZ DE JUNHO

Por Portarias:

Dia 16—

1) Francisca de Andrade e Perolina Viilela Lemos de Carvalho, professoras do grupo escolar da cidade de S. Gonçalo do Sapucahy;

Dia 20—

2) Corina Ferreira da Silva, da cidade de Conceição do Serro.

Por Officios:

Dia 16—

1) Dulce Lara, directora do grupo escolar de Rezende Costa, e suas auxiliares.

MEZ DE JULHO

Por Portarias:

Dia 4—

1) João Lopes Junior, Luiza Sydonia Machado Prado, Nesia Coelho Guimarães, Maria Carmelia da Silva Ramos, Esperança Gomes Leal, Geny Leite de Oliveira, Hilarina de Carvalho, Carmosina de Carvalho, Alexina Catão Bonnefoi, Ottilia Pereira da Silva e Jupyra Barroso Carvalhaes, director e professoras do grupo escolar de Guanhães;

Dia 17—

2) José Coelho Lima, Gustavo de Araujo, Fausi Manjud Maluf, Carmelita Martins Bicalho, Lygia de Araujo e Carlota de Vasconcellos, director e professores do grupo escolar de S. José da Lagôa, municipio de Itabira;

Dia 18—

3) Maria José Barreto, de Nazareth, municipio de São João d'El-Rey;

4) Maria Amelia de Castro, de Urucania, municipio de Ponte Nova;

Dia 20—

5) José da Costa Britto, de Itanhandú;

6) Maria Carolina Maia de Assis, de Maravilhas, municipio de Santa Luzia;

7) Margarida Magalhães de Azevêdo, de Nazareth, municipio de S. João d'El-Rey;

8) Ataliba Telasco de Moraes Navarro, Hercilia Cecy Ornellas, Maria Modestina de Magalhães e Francisca Candida Ornellas, director e professorss do grupo escolar de Cabo Verde;

9) Ignez Carlota Alves Costa Stella Matutina Rabello, Simpliciana Corrêa Brandão, Maria Junqueira, Esther Camargos e Clarice Alves Pereira, directora e professoras do grupo escolar de Contagem;

Dia 22—

10) José Martins Domingues, Alcina Martins de Lima, Cornelia Lima, Albertina de Castro, Maria Manoela Rolla, Maria Vasconcellos, Adalgisa Coelho Vasconcellos e Maria Lourdes Rolla, director e professoras do grupo escolar de São Domingos do Prata;

11) Doralice Savassi, da Colonia Rodrigo Silva, municipio de Barbacena.

Por officios:

Dia 3 de Julho.—

1) Alice Dionysia Lopes, de S. Antonio do Aventureiro, municipio de Mar de Hespanha;

Dia 7—

2) Arlinda Franco, de Chrysolia, municipio de Ouro Fino;

Dia 9—

3) Alzira de Araujo, de Campo Mystico, municipio de Ouro Fino;

Dia 13—

4) Eliza Starling, de Feitaes, municipio de Contagem;

5) Luiza Soares de Mattos, de Corregos, municipio de Conceição;

Dia 17—

6) Rosalina Mayrink Brandão e sua auxiliar, da cidade de Ubá;

Dia 20—

7) Zelia Electo de Queiroz, Maria Rita Neves, Rita de Cassia Figueiredo e Zirza Diniz, professora do grupo escolar de Contagem;

8) Eliza Smith e Hercilia Ornellas Ferreira, professora do grupo escolar de Cabo Verde;

Dia 21—

9) Joanna Cunha de Sá Fortes, Maria Pires Moreira, Maria da Gloria Barros, Olvinda Campos, Maria da Gloria Ferreira da Silva, Maria Alves Pereira e Maria Adelina de Lima, professoras do grupo escolar de Palmyra;

Dia 25—

10) Rosa Augusta Sobreiro, de Pinhalsinho, municipio de Ouro Fino;

Dia 27—

11) Dóra Angelina da Silva, de Santa Helena, municipio de Manhuassú;

12) Eliza de Castro Mattos, de Chiavor, municipio de Mar de Hespanha;

Dia 28—

13) Anna Carolina Rigotto, de Apparecida, municipio de Ouro Fino;

Dia 30—

14) Maria Dias, de Cachoeirinha, municipio de Mar de Hespanha;

Dia 31—

15) Maria José de Paiva Dutra, de Olegario Maciel, municipio de Buenopolis.

AVISOS

Directoria da Instrucção

Aos Directores dos grupos que funccionam em turnos fica auctorizada a alteração do horario escolar nos mezes de junho, julho e agosto do corrente anno, por motivo do frio, afim de que as aulas do 1.° turno sejam dadas das 7 1/2 ás 11 1/2 e as do 2.° turno das 12 ás 16 horas

Secretaria do Interior, em Bello Horizonte. 12 de janeiro de 1925.—O director da Instrucção, *Lucio José dos Santos.*

Aos srs. directores de grupos escolares e professores de escolas singulares, recommendo obediencia estricta dos artigos 247 e 248 do regulamento de Ensino. Não podem as aulas ser suspensas nem se podem conceder feriados senão nas épocas e nas condições especificadas, sem a possibilidade de duvidas, nos citados artigos.

Não podem os alumnos, durante as horas escolares, ser levados a visitas' recepções e festas senão depois de satisfeitas as disposições do artigo 248 do regulamento. Aos infractores será applicada a pena consignada neste artigo

Espero de todos a fiel observancia deste aviso.

Secretaria do Interior, em Bello Horizonte, 2 de junho de 1925.—O director da Instrucção, *Lucio José dos Santos.*